

America



FLIRT (De Kallxto)

ANNO I
N.º 3

PREÇOS RIO 500 RS.
ESTADOS, 600 RS.

NOVEMBRO
1923

Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhos com todos os aperfeiçoamentos modernos para
quaesquer trabalhos de reparação e construcção naval

Extenso cáes accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios

LAGE IRMÃOS

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Grandes depositos de carvão inglez e americano de 1a. qualidade.

Carvão nacional das minas de Lauro Muller e

Crissiuma, em Santa Catharina

Beneficiamento de sal por processos modernos

Secções de café e exportação e

importação de quaesquer artigos.

Escritorio - Avenida Rodrigues Alves, 303|31

O NUMERO ESPECIAL DE AMERICA

APROVEITANDO a oportunidade que nos offerece o ultimo mez do anno, resolvemos organizar para Dezembro proximo um numero especial de **America** que, estamos certos, agradecerá immenso aos seus innumerados leitores.

Magazine de cunho caracteristicamente artistico, apresentar-se-á **America** nessa edição especial com o numero de paginas augmentado, além do desenvolvimento das suas secções de arte, moda, cinema e sports a que deve a acceitação lisongeira que teve por parte do publico brasileiro, sempre justo no avaliar os esforços dos que intentam servil-o.

ARTE

As artes plasticas terão logar condigno no numero especial de **America**, e serão representadas em nitidas gravuras. A pintura e a esculptura, especialmente a americana e a brasileira, apparecerão nas paginas do nosso magazine, numa revelação do seu progresso e da sua pujança.

MODA

A secção de modas de **America**, que tanta acceitação e gabo mereceu do publico leitor da nossa terra, apresentar-se-á ampliada e enriquecida de gravuras admiraveis que constituirão um «compte-rendu» dos progressos da moda na hora presente. E' uma secção que despertará intenso interesse no bello sexo brasileiro.

CINEMA

A arte moderna do cinema será homenageada com a exhibição de photographias das estrellas de ambos os sexos mais prestigiadas pela preferencia dos nossos patricios.

SPORT

Nesta secção, amplamente desenvolvida, será dada conta dos progressos actuaes realizados pelos homens que adoptaram o lemma «mens sana in corpore sano». Tudo illustrado com excellentes gravuras.

O numero especial de AMERICA é um "tour de force!"

Era preciso, no entanto, fazer muito mais! E não hesitamos um segundo: commettamos a FRANCISCO ACQUARONE, o joven e talentoso artista patricio, a tarefa de executar para a nossa capa uma illustração a côres, que será um verdadeiro mimo offerecido aos nossos leitores.

Illustrações internas, a duas côres, dos reputados artistas patricios KALIXTO e JEFFERSON, com legendas bem-humoradas, a par de charges de SYLVIO, ornarão as paginas do nosso numero especial.

LETRAS

Mas era preciso dar á parte litteraria do magazine um desenvolvimento maior e enriquecê-la com obras-primas de artistas nacionaes. Podemos pois, com satisfação, annunciar a publicação, no nosso numero especial, de um admiravel soneto do eminente

poeta patricio MARTINS FONTES, esse ourives do verso que é uma gloria da intellectualidade brasileira. Illustrado pelo lapis de um artista brasileiro, esse soneto inédito, gentilmente offerecido a **America** pelo grande poeta de «Verrão», desperformará nos nossos leitores a admiração que provocam as obras de arte superiores e perfeitas. O corpo de collaboradores de **America**, composto de nomes consagrados nas letras brasileiras, como Carlos Maul, Saul de Navarro, Moacyr de Almeida e Terra de Senna, apresentar-se-á brilhantemente, firmando chronicos sobre assumptos de actualidade. Poesias, contos, novellas, photographias artisticas e curiosidades mundiaes completarão o numero especial de **AMERICA** que apparecerá nas proximidades do

NATAL DE 1923

COMPANHIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E CONSTRUCTORES



THEATRO E CASINO PARQUE BALNEARIO
Construção da Companhia Constructora de Santos

Capital — 3.000:000\$000

Fundo de reserva — 300:000\$000

.....

Officina de Serraria, Carpintaria, Mechanica, Fundição
e Britador.

.....

Grande fabrica de ladrilhos e manilhas
de cimento.

.....

Secção de Transporte

.....

Especialistas em construcções de habitações de luxo
e economicas.

.....

Construcções em cimento armado

.....

Organisam plantas, projectos e orçamentos

SÉDE:

Praça Mauá, 25 - SANTOS

ESTADO DE S. PAULO

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 222

.....

FILIAES:

Em S. Paulo - Rua Bôa Vista, 16

End. Teleg. "CONSTRUCTO" — Caixa Postal 1264

TELEPH. CENTRAL 4381

~~~~~

**No Rio de Janeiro**

**Avenida Rio Branco, 35-A**

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 607

TELEPHONE NORTE 675

## Um trecho das "Farpas"

**O**LHEMOS agora a litteratura. A litteratura — poesia e romance — sem idéa, sem originalidade, convencional, hypocrita, falsissima, não exprime nada: nem a tendencia collectiva da sociedade, nem o temperamento individual do escriptor. Tudo em tórno d'ella se transformou, só ella ficou immovel. De modo que, pasmada e alheada, nem ella comprehende o seu tempo, nem ninguem a comprehende a ella. E' como um trovador gothico, que accordasse d'um somno secular n'uma fabrica de cerveja.

Fala do *ideal*, do *extasi*, da *febre*, de *Laura*, de *rosas*, de *lyras*, de *primaveras*, de *virgens pallidas* — em tórno d'ella o mundo industrial, fabril, positivo, práctico, experimental, pergunta, meio espantado, meio indignado:

— Que quer esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem, levem-n'a á policia!

Ella, desattendida e desauthorisada, vae todavia soltando, com grandes ares, por entre o gaz e o pó do macadam, as declamações sonoras do lyrismo de Lamartine e do mysticismo de Chateaubriand. E gloria-se de ser nos seus costumes e nas suas obras intransigentemente ideal. Mera questão de rhetorica: os poetas lyricos e os scismadores idealistas trataram de se empregar nas secretarias, cultivam o bife do Aurea, são d'um centro politico, e usam flanela.

Em França ao menos a litteratura, quando a corrupção veiu, exprimiu a corrupção. No Paris da decadencia, no Paris do barão Haussmann, e dos srs. Rouher e Fialin (vulgo de Persigny), os livros detestaveis fôram a expressão genuina e sincera de uma sociedade que se dissolvia. A litteratura de Boulevard ha de ficar por esse motivo, e ha de ter o seu logar na historia do pensamento, assim como da decadencia latina ficaram Apuleu, Petronio e o mordente Tertuliano, cujo estylo tem scintillações ainda hoje tão vivas que parecem emanadas da podridão do moderno mundo poetico.

Na corrente da litteratura portugueza nenhum movimento real se reflecte, nenhuma acção original se espelha. Como nas aguas immoveis e escuras da lagôa dos mortos apenas n'ella se retratam sombras. Mas são sombras que não tem as lividas roupagens usadas no Estygio: estão de fraque e de chapéo alto — e é a unica cousa que lhes dá direito a julgarem-se vivas!

A poesia fala-nos ainda de Julieta, Virginia, Elvira, — bellas e interessantes creaturas no tempo em que Shakspeare se ajoelhava aos seus pés, em que Bernardin de Saint-Pierre lhe offerencia rapé da sua caixa de esmalte circundada de perolas, em que Lamartine, embuçado na sua capa romantica de 1830, as passeava em gondola nos lagos da Italia. Hoje são um ideal de museu.

E todavia, além d'estas mulheres, ella nada conhece no mundo. A poesia contemporanea compõe-se assim de pequeninas sensibilidades, pequeninamente contadas por pequeninas vozes. O poeta lyrico A diz-nos que Elvira lhe dera um lirio d'uma noite de luar! O poeta lyrico B revela-nos que um desespêro atroz lhe invade a alma, porque Francisca está nos braços de outro! O poeta lyrico C conta-nos uma noite que passou com Euphemia, n'um caramanchão, olhando os astros e dizendo phrases. E no meio das occupações do nosso tempo, das questões que em roda de nós de toda a parte se erguem como temerosos pontos de interrogação, estes senhores veem contar-nos as suas descrençasinhas ou as suas exaltaçõesinhas! No emtanto operarios vivem na miseria por essas trapeiras, e gente do campo vive na miseria por essas aldeias! E o sr. Fulano e o sr. Sicrano empregam toda a sua acção intellectual em se gabarem que apanharam boninas no prado para as ir pôr na cuia de Elvira! Noites e noites movem-se os prelos a vapor, calandra-se o papel, esfalam-se os typographos, arrasam-se os revisores, emprega-se uma immensa quantidade de vida e de trabalho, para que o publico saiba que o poeta lyrico Polycarpo de tal ama uma virgem pallida com olheiras!

E ainda se a poesia lyrica se contentasse com ser de uma inutilidade lórrpa. Mas ella é d'um erotismo offensivo! Ha lupanares mais castos do que certos livros de versos que se chamam melancholicamente *Harpejos* ou *Prcludios*.

Poesia lyrica, poesia lyrica, esconde-te nos conselhos de ministros ou nas secretarias do Estado! Não appareças ao mundo vivo. Sabes qual é o logar que tu n'elle mereces? Não é o Pantheon, é o Limociro.

A poesia individual tem um nobre alcance quando o poeta se chama Bryon, Espronceda, Hugo, Lamartine, Musset. Porque então n'aquellas almas todo o seculo com as suas duvidas, as suas luctas, as suas incertezas as suas tendencias, as suas contradicções, se retrata. São

grandes almas sonoras onde vibra em resumo toda a vida que as cerca. Estuda-se allí como n'um sumunario a existencia de uma época. Mas, com franqueza, que se ha de estudar na alma do sr. João, ou na alma do sr. Francisco? A immensa duvida que pesa sobre a Baixa? Os tormentos ideaes que agitam a rua dos Fanqueiros?

E a maior desgraça e a maior tolice é que, por fantasia lyrica, alguns homens honestos na sua vida veem deante do Publico declarar-se perversos na sua rima!

Tomemos um exemplo, um dos mais piegas — o sr. X. O sr. X. é um rapaz honesto, bom chefe de familia, ganhando honradamente o seu pão. Merece a nossa estima.

Vejamos a sua poesia. Ahi não se fala senão em amores, prazeres, delirios, orgias, virgens sacrificadas... Das seguintes cousas uma:

Ou o sr. X. pinta a verdade quando escreve estes seus versos, e então é um devasso que dá um exemplo detestavel a seus filhos, e desconsidera sua esposa... Como havemos de acreditar em tal caso na seriedade do seu character?

Ou o sr. X. não diz a verdade, e todos aquelles seus extasis são rimados muito aconchegadamente á mesa do chá, entre um liccio-

nario e uma poetica, com um barrete de algodão na cabeça... N'este caso como havemos de acreditar na seriedade da sua arte?

O romance, esse, é a apothose do adulterio. Nada estuda, nada explica; não pinta caracteres, não desenha temperamentos, não analysa paixões. Não tem psychologia, nem acção. Julia pallida, casada com Antonio gordo, atrai as algemas conjugaes á cabeça do esposo, e desmaia lyricamente nos braços de Arthur desganhado e macilento. Para maior commoção do leitor sensível e para desculpa da esposa infiel Antonio trabalha, o que é uma vergonha burguezia, e Arthur é vadio, o que é uma gloria romantica. E é sobre este drama de lupanar que as mulheres honestas estão derramando as lagrimas da sua sensibilidade desde 1830! O auctor, ordinariamente tem o habito de Sant'Iago. O editor tem a perda. O leitor tem o tedio. — Santa distribuição do trabalho!

De resto quando um sujeito consegue ter assim escripto tres romances, a consciencia publica reconhece que elle tem servido a causa do progresso e dá-se-lhe a pasta da fazenda.

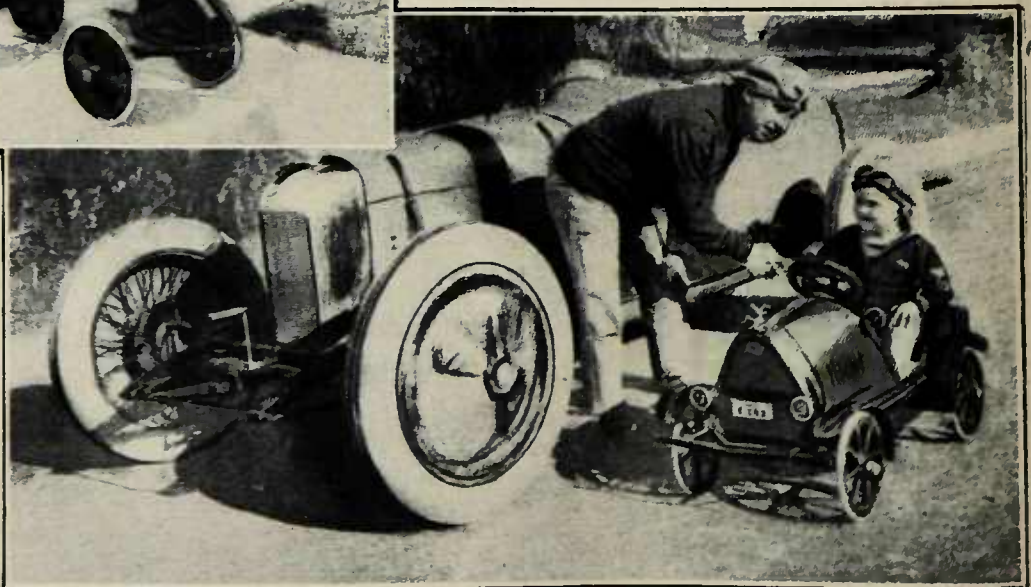
EÇA DE QUEIROZ

---

---

## Os modernos brinquedos para crianças

Os brinquedos para crianças evoluíram tambem e collocaram-se á altura da época. Ahi está por exemplo o carro em que Pat e Micky Moore, pequenos artistas do cinema, brincam nas horas de descanso. A outra photographia representa um automovel em miniatura pilotado por um pequerrucho da terra dos dollars.



# America

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

ARTE - LETTRAS - MODA - CINEMA - SPORT

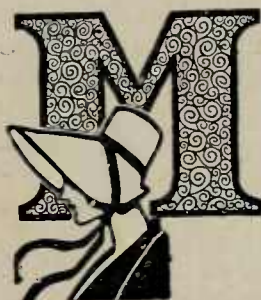
Director - proprietario: SYLVIO FIGUEIREDO Gerente: M. ESPINDOLA

ANNO I

RIO DE JANEIRO, NOVEMBRO DE 1923

N.º 3

## Moralidades... Immoralidades...



MAIS uma victoria do feminismo! E' esse o nosso grito de satisfação, a cada senhora ou senhorita que ingressa n'uma secretaria de Estado para encanto da burocracia e, dizem os entendidos, tambem para a boa ordem dos serviços publicos.

Estarão as mulheres de accordo com o nosso entusiasmo de concurrentes que se deixam vencer, alegres, por esse suavissimo dominio?

Contentar-se-ão ellas com uma conquista tão pequena que os velhos *ronds de cuir* saúdam com o mais limpido dos seus sorrisos de faunos decrepitos?... Será para ellas, hoje, o funcionalismo do governo o equivalente do «teu amor e uma cabana» dos lindos tempos romanticos?

Talvez... Mas o mais interessante é que, ao passo que as mulheres penetram nas officinas que pareciam privativas dos homens, a sociedade lucha por compellil-as á sua antiga condição de coisa, objecto de luxo, joia musulmana para a delicia dos sultões modernos... Prefere-se á mulher — mulher, a creatura que oscilla entre a ferocidade britannica de uma Pankurst e a bravura indiatica de uma professora Dalton...

Prova desse retrocesso temo-la, de um lado, no recente aviso do Vaticano em que o Papa se recusa a receber as senhoras que não estiverem vestidas segundo um figurino ecclesiastico, e de outro, na nossa ogerisa — falsa ogerisa aliás — á indumentaria das praias de banhos.

Emquanto na Turquia, a «enferma da Europa» como o Occidente desdenhoso chrisinou a patria dos Osmanlis, um revolucionario da fibra de Kemal Pachá arromba as portas dos harens e liberta da vigilancia dos eunuchos os bandos de formosas odaliscas, os povos repre-

sentativos da civilização latina protestam contra os costumes dissolutos, isto é contra a ostentação da belleza feminina, contra a elegancia, a desenvoltura dos movimentos, a graça dos ademanes. O contraste é evidente. Em Constantinopla escancaram-se os serralhos e os rostos se illuminam sem aquelle *tchartcharf* impertinente que lembra o véu espesso com que as carmelitas apagam as visões do mundo.

Em Roma o successor de S. Pedro impõe ás suas fieis ovelhas blusas de golla alta e saias até ao tornozelo para gaudio dos costureiros e indignação dos esthetas...

São os imperativos da moral superando a dictadura da moda. Da moral?... Sim, da moral, ou da moralidade, para aquelles que, repetindo os anathemas da Biblia, sagraram a mulher o foco da immoralidade humana, o symbolo tragico da tentação e do peccado...

Nas praias acontece o mesmo. Os olhares pudicos repudiam a contemplação dos corpos de linhas esplendidas que se entregam á volupia das ondas marinhas, a mais carinhosa e ingenua de todas as volupias.

— E' um escandalo!

— E' uma vergonha!

— As mulheres vão quasi núas ao banho!

E o clamor avulta, pedindo medidas policiaes oppressivas que reconduzam a mulher ao recato de out'ora, aos dias em que os idyllios eram monotonos sob o cuidado das matronas hirsutas... As praias alvissimas estão condemnadas á tristeza. Em vez das correrias alacres, do espectaculo pagão do banho das nymphas, a sombra de um cortejo de monjas afogadas nas dobras de mantos negros.

E d'ahi, — quem sabe? — talvez os moralistas tenham as suas razões serias para exigir que as mulheres occultem a sua belleza. Elles preferem adivinhar o que não vêem, e com isso dão trabalho á imaginação... Cubram-se pois as mulheres e vistam-se as estatuas...

Carlos MAUL

# A SEREIA

**A**PPARECEU de improviso, certa manhã. Sahiu da mansão submarina, onde as princezinhas Borrascas olham com olhos somnolentos bruscamente iluminados pelas scintellas do odio. Sahiu fresca, radiante, moça; e, como devia permanecer por muito tempo fóra do mar, applicava ao ouvido um caracol de nacar, caixa maravilhosa em que ficára prisioneira a majestade do Oceano, como uma aguia numa gaiola de rouxinol. As ondas e as profundezas marinhas engalanaram a donzella com essa garridice com que os grandes disfarçam os seus orgulhos; e todas as metaphoras que o homem teceu para vestir de belleza a belleza feminina voltaram em torno da moça fugida dos dominios de Neptuno. As perolas, rivaes eternas dos dentes, cingiram-lhe o pescaço e lhe pousaram sobre o seio, desejosas de que a sua luz fria se combinasse com a quente brancura da pelle; e as gottas d'agua, modeladas pela inveja, augmentaram as suas irisações até supplantar, cabelleira de ouro acima, ás perolas deliciosas. O coral, elemento muito usado pelos poetas para o fabrico

de labios, entrou em campo e teceu as suas voltas e serpenteios, envoltentemente, com graciosa felinidade; e por ultimo a espuma, a espuma branca e leve e subtil, eterna e ephemera, relampago e frivolidade, elegancia e ponderação, preparou as suas legiões de bolhas e de esta-

lactites e teceu o mais vaporoso traje, exposto á voracidade do vento e á descortezia do sol — sempre tão prosaicos, um e outro, tão realistas e pouco amigos de manter ficções.

Assim, festejada e em festa, a sereia conhecida, a filha dos mares de agora, muito remotamente aparentada com as monstruosas sereias que attrahiram Ulysses e Argos, chegou á praia, na hora deserta e envolvida nas roupas azues do amanhecer.

Com passo breve percorreu a dou-rada curva, ao pé dos alcantis crispados e tragicos. Subida a uma emnencia, olhou a paizagem em todas as direcções, enquanto a ventania revoltava os seus cabellos e modelava com avidéz frenetica as suas formas sob a docilidade das vestes. A moça parecia apaixonar-se por toda a formosura, então ainda aspera e rude, do campo e da enseada. Ao Poente, revolto e livido, fugia um bando de nuvens...

E quando ella terminou as suas explorações, sobre que punha a misericordia e o estímulo do seu sorriso, a paizagem se transformou a pouco e pouco. A amarellada espuma

das ondas, que subiam ponteagudas, com pestilencias de naufragio, abandonou a sua furia e adquiriu uma prateada mansidão; o céu ostentou, ainda tremulo de pudor, o seu esmalte de primavera, tão escondido durante oito mezes de intempéries; o campo, que verdejava timidamen-





te, desabrochou, rapido, numa pompa jubilosa; e as arvores se uniram sobre os caminhos, para fazerem os seus docéis, e as flores atapataram os valles, e a neve dos pincaros desceu á terra cantando, feita transparencia e ligeireza... Tudo se poz a rir na natureza, tudo se consagrou á alegria... E surgiram os vernizes, os enfeites que rejuvenescem as perspectivas e dão firmeza definitiva ao esboçado e ao indeciso. Do seio da mãe-terra começou a fluir o aroma sensual das germinações e dos renascimentos. O homem começou a sentir que os seus pés, ao contacto daquella terra vernal, se deformavam um pouco e tomavam o aspecto da pata do satyro. A mulher desejava, cheia de languidez, a sombra da arvore, a cuja sombra julgava enroscada outra serpente. Tudo na vida era expectativa e na natureza tudo satisfação. A fada do mar, noiva de Maio, havia mobilizado as turbulentas manifestações do bom tempo.

E dominados os vendavaes, aliadas as relvas, bem limpos e aplainados os caminhos, reforçada a alliança entre o mar e a aldeia, acolhedora a praia e mais oxygenada do que nunca, começou entre os homens a éra resplandecente do veraneio.

Pela ribanceira proxima avançavam durante o dia filas intermináveis de carros cheios de viajantes; pela estrada deslisavam, asperos e sussurrantes, os pneumaticos dos automoveis; e todos conduziam no seu interior alguns cavalheiros que haviam resolvido mudar de tedio, oxygenando-o junto do Oceano.

Ao termo de um anno o homem voltava ao campo, sob o pretexto fallaz de que assim o exigia a saude. Exigente saude que não podia tolerar os rigores do estio sem appellar para os remedios da pharmacopéa do *buccarat*, do *joot-ball* e do *flirt* no terrasso de asphalto...

O mar passava a occupar a categoria, aliás honrosa, de pretexto, de alcoviteiro. Cumpría uma missão decorativa, uma missão de cumplicidade. Fazia-se mundano e perdia a sua majestade. Vestia o *smoking*, como certos libertinos. Reservava o seu desprezo e a sua má educação para o inverno, para a rêde e para a nuvem...

Assim, quando a sereia cheia de pedrarias viu consumada a metamorphose da paisagem, realizada em honra da sua belleza e do seu sorriso, julgou-se um estorvo e afastou-se por entre as grutas e os alcantis. O apito dos com-

boios estridulava, substituindo, na solitude arcadica, o canto sonoro dos rouxinóes e dos melros...

E. Ramires ANGEL

## AS CHAMINÉS MAIS ALTAS DO MUNDO

A MAIS alta chaminé do mundo é a das fabricas americanas de Anaconda e serve para o escapamento dos gazes que se desprendem com o tratamento do cobre, gazes summamente prejudiciaes a todo ser vivo, incluídas as plantas.

A sua altura é de 178 metros e o seu diametro, na base, de 22,85. A espessura das paredes é de dois metros, na base, e de 60 centímetros no apice. Pode evacuar cem mil metros cubicos de gaz por minuto.

Vem em seguida a chaminé das fabricas metallicas japonezas de Saganosaki, com 167 metros de altura e 8,40 de diametro na parte superior.

## PATRIA

Sem patria não pode haver sentimento collectivo da nacionalidade -- inconfundível com a mentira patriotica explorada em todos os paizes pelos mercadores e pelos militaristas. Só é possível na medida que marca o rythmo unisono dos corações para um nobre aperfeiçoamento e nunca para uma aggressividade ignobil que fira o mesmo sentimento de outras nacionalidades.

Não ha maneira mais baixa de amar a propria patria do que odiar á patria dos outros homens, como si todas não fossem igualmente dignas de gerar em seus filhos iguaes sentimentos. O patriotismo deve ser emulação collectiva para que a propria nação ascenda ás virtudes de que dão exemplos outras melhores e nunca inveja collectiva que faça soffrer com a superioridade alheia e leve a desejar o abaixamento dos outros até ao proprio nivel. Cada patria é um elemento da humanidade; o anhelos da dignificação nacional deve ser um aspecto da nossa fé na dignificação humana. Ascenda cada raça ao seu mais alto nivel como patria, e pelo esforço de todos se levantará o nivel da especie, como humanidade.

JOSÉ INGENIEROS



## AS PEQUENAS ESTRELLAS DO CINEMA

**F**oi necessaria a invenção e o desenvolvimento da cinematographia para que nascesse a categoria dos pequenos millionarios, feitos pelo seu proprio esforço, e que não se devem confundir com os que nascem riquissimos, «com uma colher de ouro á bocca», segundo a curiosa expressão ingleza.

Receber uma migalha da humanidade, uma pequerrucha de tres annos, ordenades annuaes de milhares de dollars, eis um facto que deverá provocar gritos de inveja ou de horror aos que não ha muito se indignavam de que um pugilista ganhasse outro tanto para se exhibir sobre um estrado e trocar sôccos com um rival.

E é sempre a eterna lei da offerta e da procura. Si o publico reclama crianças — actrizes no *écran*, é preciso dar-lh'as a todo transe. E si um desses minusculos artistas conquista os favores do publico, torna-se logo uma mercadoria rara cuja posse as companhias cinematographicas se disputam.

\*\*\*

Essa é a historia de Babby Peggy, porque essa pequenita de quarenta e tres mezes tem já uma historia que enche columnas de numerosas publicações surgidas da voga cada vez maior que essa arte tomou em todos os paizes.

O seu verdadeiro nome é Montgomery. Os seus pais habitam Los-Angeles, a linda cidade da California que, graças á sua limpida atmosphera e aos seus arredores pittorescos e variados, se tornou o maior centro cinematographico do mundo.

Os seus destinos foram decididos a vapor: em algumas horas. Ha poucos mezes fazia ella parte de um elenco infantil e desempenhou o seu papel mudo com tanta naturalidade que o encenador a notou entre todas e pediu a um autor que compuzesse uma peça de que a pe-

quenita seria a protagonista. A experiencia foi decisiva: Babby Peggy provou que podia arrancar risos e lagrimas aos espectadores.

Uma importante companhia monopolizou logo a pequena, fazendo-a assignar — por procuração! — um contracto de tres annos que lhe assegura o ordenado annual de 1,500,000 dollars!

\*\*\*

Jackie Coogan é outro menino prodigio de enormes salarios: o epitheto de *the million dollar kid* (o gury millionario) que ha quatro annos lhe deram os seus compatriotas (elle tem oito annos, agora) basta para nos informar sobre a sua fortuna.

Jackie foi descoberto e lançado pelo célebre Charlie Chaplin, que com elle representou varias peças antes de commendar os dramas e comedias de que o menino era o heróe. A fama do petiz tornou-se enorme, tão grande que os seus pais o arrebataram a Carlito para fundar com elle uma companhia, *The Jackie Coogan Productions Limited*.



## ROSTAND ASTRONOMO

**S**EDUZIDO pelo mysterio dos mundos longinuos, o autor de *Cyrano*, como Saint-Saëns, fizéra-se astronomo e interrogava os espaços estellares: Não era um simples astronomo amador, mas um erudito conhecedor do mundo planetario que entretinha correspondencia com sabios e era por estes tratado de «confrade».

A Sociedade Astronomica da França contava-o entre os seus socios. Rostand foi accedido nesse instituto por unanimidade e teve como padrinhos Bailland, director do Observatorio de Paris e Camille Flammarion.



AS ESTRELLAS DO PALCO

A graciosa atriz Belmira de Almeida, da Companhia do Trianon, que a platéa carioca já se habituou a applaudir, numa calorosa homenagem ao seu talento.

## Da Flandres de cathedraes e nevoas

**F**LANDRES, que nos deu na Renascença toda uma primavera de genios, entre a sangueira daquelles évos épicos, não perdeu com o correr dos seculos o prestigio espiritual que esclarece os seus filhos. Temos visto que, dividida pelos acontecimentos politicos, desdobrada em duas nações, apresenta, de vez em vez, o lampejo da arte que, de época em época, se vem reflectindo nas obras alli apparecidas, brotando em côres nas telas, harmonizando-se em contornos nos marmores, ou prefulgindo nas paginas de seus poetas e escriptores. A Belgica, por exemplo, tem sido um paiz fecundo desses relampagos.

No ultimo quartel do seculo passado, ardia em Bruxellas, e mais tarde em Paris, o entusiasmo pelo apparecimento de um pensador profundo, Maeterlinck. Ao lado desse soturno aedo das brumas, que foi Rodenbach, Maurice Maeterlinck apresentava uma sensibilidade e uma espiritualidade estranhas. Si aquelle se havia perdido na torturante contemplação dos canaes de Bruges, este se abysmara no insulamento em si proprio. Maeterlinck, tal é a profundidade serenissima de seu pensamento, parece ter alcançado ao mais esconso páramo da emotividade universal, ahi descendo através de si proprio, como se transformasse a alma num pôço em cujo fundo fervesse o cósmos. Em todas as suas paginas maravilhosas, filtra-se essa suggestão. Tem deslumbramentos, mas estaticos; arroubamentos paralyzados em extase, e tudo é tão crystallino aos seus olhos que, em cada homem, em vez de ver uma féra acuada, discerne um deus ignorado.

Esta é a serenidade que fez Octave Mirbeau escrever aquelle celebre elogio, inflamado de assombro, dizendo que Maeterlinck deixava á penumbra o proprio Shakespeare, porque Maeterlinck attingiu o horror sem o rasgar dos relampagos da tragedia rubra. «Les aveugles» fazem os cabellos se erriçarem, sem ter, no entretanto o tempestear dos anathemas. A fatalidade não apresenta, em Maeterlinck, uma catadura de medusa; talvez pareça mais uma esphinge entre nevoas.



\*\*\*

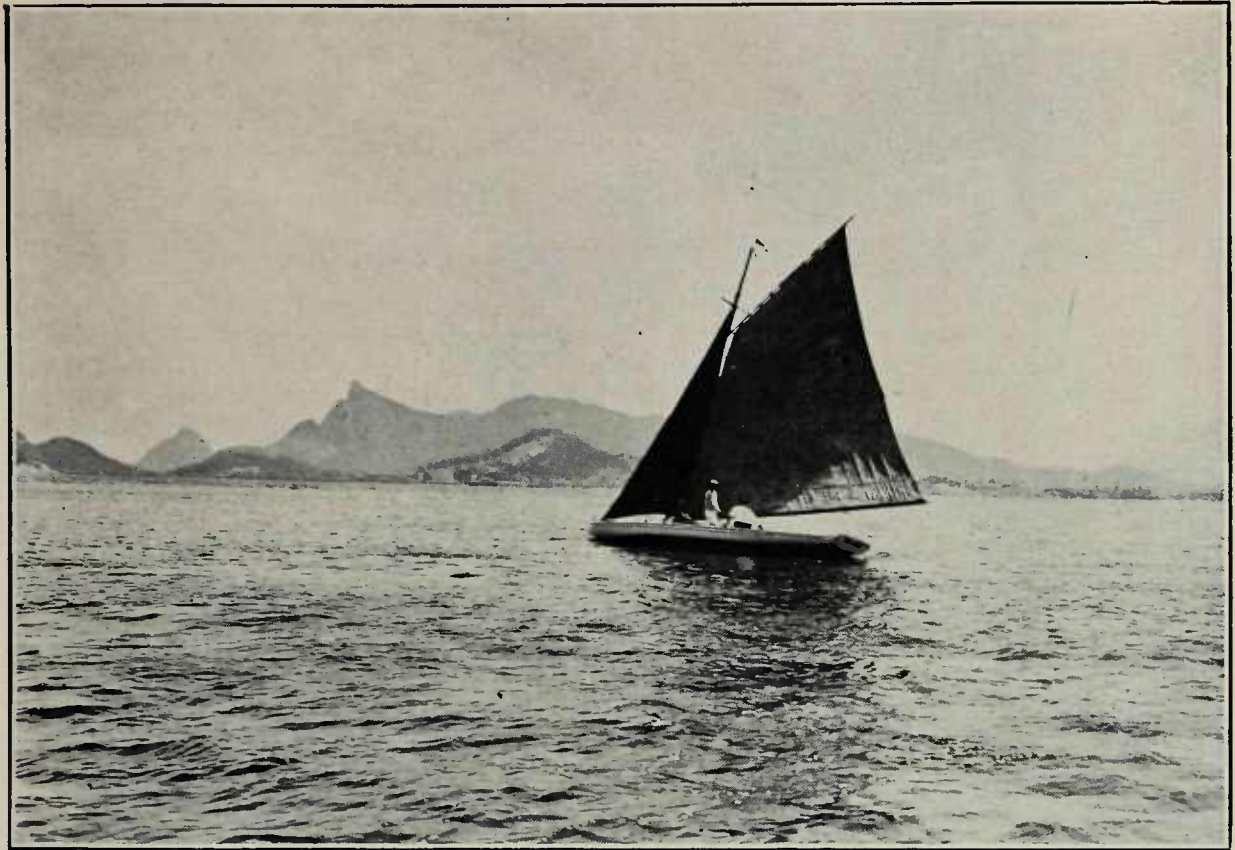
Surge agora nos periodicos belgas e parisienses, o annuncio de um novo genio flamengo, a quem a critica não poupa os adjectivos panegyricos. Herman Teirlinck, que somente escreve no idioma flamengo, requintando nesse chauvinismo com que Mistral revocou o passado de seu torrão provençal, recorda muito o symbolista genial de «L'oiseau bleu», suggestionado pelo brilhante mysticismo que, ás vezes, transluz das obras daquelle escriptor.

Como o autor de «Pelleas et Melisande», Teirlinck nasceu em Gand. As peças que o Theatro Flamengo, de Bruxellas, acaba de representar, causando «fanatismo» na platéa illustre, são «Der Vertroodge Film» e «Ik dien». Esta ultima, cuja traducção é «Eu sirvo», é o desenvolvimento da lenda de «Irmã Beatriz», de que o dramaturgo de «Monna Vanna» tratou tambem. Contam os «in folios» empoeirados dos tempos antigos, que a pobre freira Beatriz transfugiu do isolamento conventual, arrastda pela paixão para o vortilhão do mundo. Desceu, de queda em queda, os escalões do vicio. Prostituiu-se, e até o infanticidio perpetrou.

Mas, durante todo esse tempo em que a transviada soffria longe do convento, a imagem da Virgem que, todas as manhãs, Beatriz ornava em flores, animou-se, tomou-lhe as feições, e desempenhou no convento obscuros mistéres, afim de que, até a sua volta, a falta da religiosa não fosse percebida.

No tracejar das scenas, no exaltamento ardoroso das phrases, Teirlinck revela um talento prodigioso, que differe do de Maeterlinck pe'lo calor e pe'lo pathetico que enche os dialogos. Não tem o novo dramaturgo belga o poder subjectivo do seu conterraneo, cujas peças parecem ter sido escriptas com as tintas do silencio e da contemplação.

Emfim, as pennas que detêm a critica na Belgica e na França, traçam encomios transbordantes a esse novo dramaturgo. Escriptores, em



## ASPECTOS CARIOCAS

Uma vista da Guanabara, num lindo domingo de sol em que se realizaram as regatas á vela do "Audax - Club"

---

que fuzile o genio, fallecem actualmente no mundo da dramaturgia. Possa, em Teirlinck, ter a Belgica um genio que, como Maeterlinck, seja uma constellação entre as torres gothicas das cathedraes e as brumas da velha Flandres...

*Moacyr de ALMEIDA.*

---

## O CRESCENTE

---

**D**ISCUTE-SE agora sobre si, depois de haverem mudado a sua capital para Angora, têm os turcos o direito ao crescente da sua bandeira. Segundo certas autoridades, o crescente só pertence ao sultão na qualidade de senhor de Constantinopla. O crescente foi o emblema dessa cidade muito antes da conquista ottomana. Quando Alexandre o Grande sitiava a antiga Bysancio, diz uma legenda, um ataque nocturno foi repellido gra-

ças á viva claridade espalhada pelo crescente lunar. Os cidadãos de Bysancio, reconhecidos, puzeram essa insignia na sua bandeira.

Quando vieram os romanos, estes adoptaram para a nova cidade de Constantinopla o estandarte ornado do crescente. Emfim, quando Mahomet II tomou a grande capital em 1453, ajuntou o emblema já celebre á sua propria bandeira que até então era toda vermelha. E elle costumava explicar aos seus soldados que a nova bandeira representava Constantinopla sobre um campo ensanguentado.

---

Pensamento chinéz.

Mede a altura da agua antes de entrares no váu.

—«O»—

Na arte só têm importancia os que criam almas, e não os que reproduzem costumes. — EÇA DE QUEIROZ.

—«O»—

Os que gostam de dar conselhos devem tambem recebê-los de boa vontade. — CATAO

# O CAMPEONATO DE FOOT-BALL



O combinado paulista, campeão de 1923

## BOM HUMOR

### A' procura de emprego

- Escreve á machina ?
- Sim, senhor.
- Sabe inglez ?
- Sim, senhor.
- Fuma ? Bebe ?
- Não, senhor. Mas, si fôr necessario, aprenderei...

\*\*\*

- Que fazes, Mariazinha ?
- Escrevo uma carta á Julinha.
- Mas tu não sabes escrever !
- Não faz mal. Ella tambem não sabe ler !

\*\*\*

- Tratas muito mal ao Arthur, sem te lembrares de que elle é um optimo partido !
- Talvez seja. Mas ha duas coisas que me impedem de gostar d'elle.
- Quaes são ?
- A sua cara e... a de um outro rapaz !

— Affirmo-te que fiquei apaixonado por ella na primeira vez em que a vi.

— E vaes casar-te ?

— Não, porque depois falei com ella varias vezes.

\*\*\*

— Depois do diluvio, que aconteceu ?

— Ora ! Deve ter ficado tudo enlameado !

\*\*\*

A arte é inutil como o esplendor corado das petalas sobre a fecundidade do ovario.

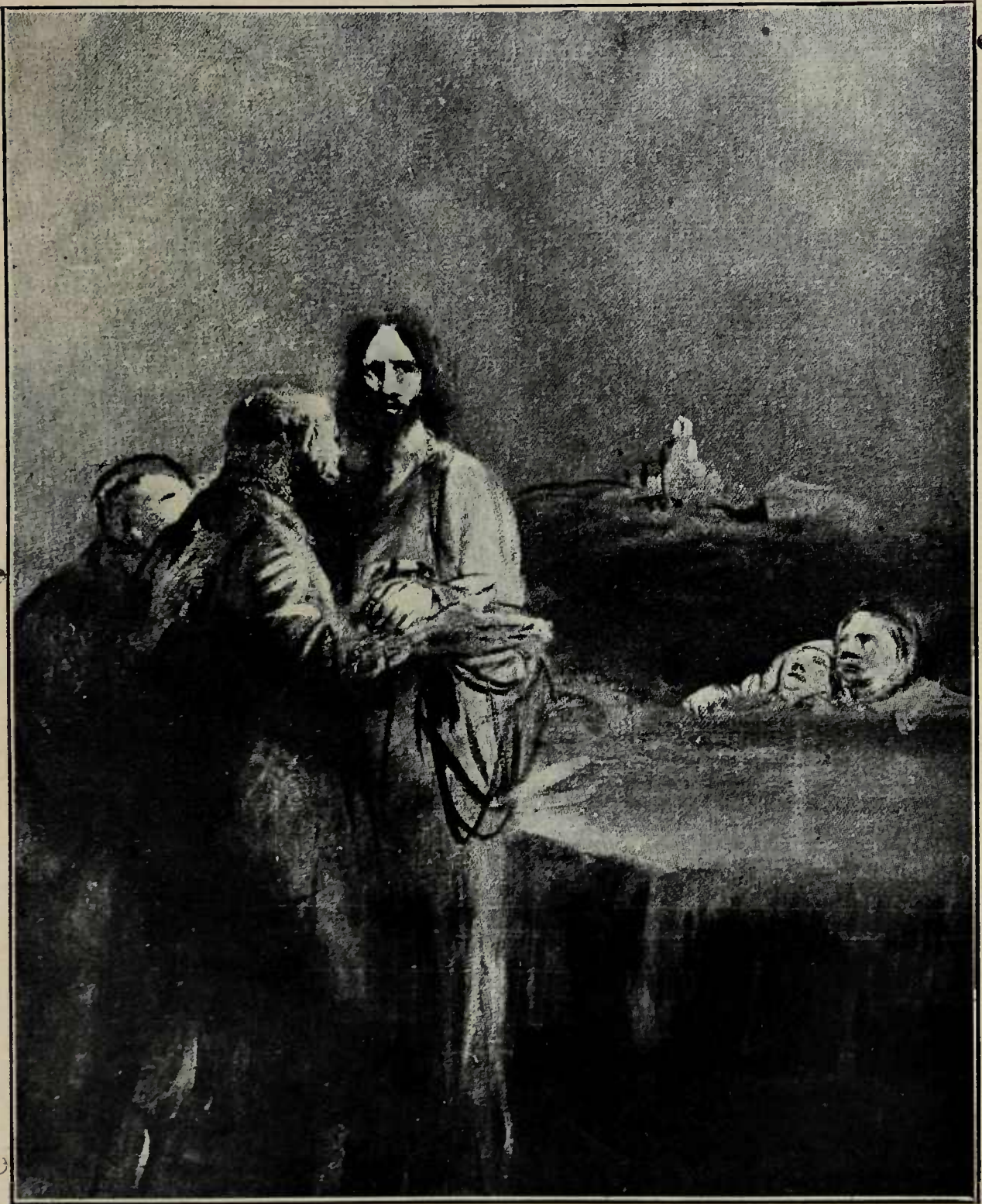
RAUL POMPEIA

O melhor meio de fazer de alguém um incompetente é obrigar-o a tratar de tudo.

FAGUET

O mundo moderno succumbe sob uma invasão de fealdade.

Pierre LOUYS



A PINTURA CONTEMPORANEA

“Christo aparecendo a Cleopas em Emmaus”,  
quadro do mestre francez Jean Louis Forain.

# EPIGRAMMISMO

**N**ÃO gastes a tua intelligencia em fazer zombarias, satyras, epigrammas, nem mesmo por passatempo.

Não ridicularizes aos homens, nem rias dos seus actos, por absurdos que sejam.

Não te rias das coisas da vida.

Os humoristas, principalmente os mordazes, fazem soffrer e portanto são desgraçados.

Os espiritos burlescos só têm engenho. Falta-lhes talento, que é a aptidão constructora por excellencia. Só sabem criticar em fôrma negativa, dissolvente.

E' um sophisma crer que a critica pungente, por subtil e perfumada que seja, corrige e contribue para o progresso. Só a suggestão educadora, na escola e no lar, modifica e melhora, corrige e enaltece.

E' ao contrario verdade transparente que a critica de tal natureza tem apagado flammias de inspiração genial e quebrado vontades que forjariam novos destinos humanos; envenenando corações e arrastando ao vicio intelligencias creadoras.

Para ascender aos altos e se-

renos cimios do pensamento, para banhar a alma nos espaços do ideal, para attingir a Belleza, é mister despojar-se desse espirito de critica pungente.

O homem superior toma a vida a serio. Sorri ás vezes docemente, quasi sempre melancolicamente. A's vezes a sua pena derrama subtilissimas ironias, nunca veneno.

Criticar é mostrar sympathia. Sem sympathia não pode haver comprehensão.

A critica dos defeitos está ao alcance de todos, até dos ignorantes. A outra, a philosophia, não. E' patrimonio dos espiritos de escól.

O epigrammismo é vicio que fomenta odios e acaba por dilacerar a quem o exerce. Seja a tua missão dilatar e melhorar a vida, não comprimil-a nem encurtal-a.

Juan Ramon URIARTE



## CURIOSIDADES

Em alguns districtos do Indostão não é permitido á sogra falar com a mulher do seu filho, expediente que, segundo Dubois, é excellente para conservar a paz domestica.

\*\*\*

A escripta pareceu sempre aos selvagens coisa magica. E julgam, ao ver o leitor interpretando os caracteres, que o livro é um espirito que murmura as respostas a quem o interroga.

\*\*\*

O capitão Cook deu alguns pregos aos indigenas de Tahiti e estes os semearam com a esperanza de obter outros.

\*\*\*

O fumar acha-se em toda a America ligado a cerimonias religiosas, do mesmo modo que o incenso no mundo antigo.

\*\*\*

Os selvagens attribuem vida aos objectos inanimados. Por esta razão preferem um anzol que pegou um grande peixe a um punhado desses instrumentos ainda não usados. E tambem não collocam nunca duas rêdes juntas, com receio de que se zanguem uma com a outra.



# HISTORIAS

( Fragmento )

**O** DESPERTAR da sua ardente fantasia fez-se sob a rutilancia das narrações fabulosas da Marianna, a sua ama preta. Embalára-se, como a um arrollo, ao raconto mirifico de acções desenvolvidas num mundo de sonho; a lenda guiára os seus primeiros passos na vida do pensamento. As aventuras extraordinarias que, na bocca exaltada daquella herdeira do sonho incoercível de africanos captivos, tinham um calor e um colorido tão vivos; que palpitavam e viviam ao prestigio evocador daquella voz cantante, ora lenta, arrastando-se mollemente, com pausas insoffrivéis, pela sequencia dos detalhes, ora esperta, precipitada e célere como os episodios fulmineos e inquietantes que narrava, deixavam-n'o entre vibrante e incrédulo, mais amante da belleza e da vida intensa das scenas do que entusiasta do valor dos factos que sabia illusorios: eram as surprehendedentes metamorphoses de seres humanos em animaes, os maleficios de bruxas, o subito rebentar de chammas do seio da terra, que barravam o passo ao paladino, as fugas temerarias, as perseguições encarniçadas, os combates singulares e, dominando o interesse de todos os transes, motivo central, nervo de toda a historia, a bravura indomita de um enamorado que, sorrindo aos mil perigos, salvava a donzella que amava e com quem acabava casando, sob a advertencia da narradora de que «foram inuito felizes e tiveram muitos filhos»... E tudo num scenario de florestas apavorantes, povoadas de animaes fantasticos, ou de castellos inacessiveis cuja entrada guardavam dragões que despediam labaredas pelas narinas, toda uma fantasia medieval de possessos, de guerreiros e de mysticos que criam sinceramente no demonio, escravos de um medo incuravel e imbecil...

Essas narrativas deixavam-n'o pensativo, sobretudo o eterno argumento em que figurava um cavalheiro que se bate pela sua dama e recebe no casamento o premio excelso á sua intrepidez. Achava extranho esse facto de

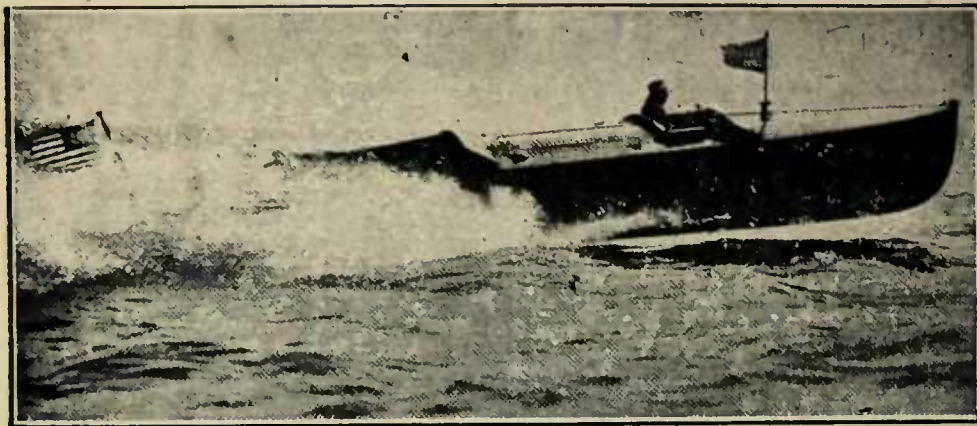
que, para casar, ser feliz e ter muitos filhos, fosse necessario e fatal soffrer com despreendimento tantos perigos e tantas vezes enfrentar a morte...

Mas o que o fazia delirar, fugindo á realidade e immergindo plenamente numa atmospheria de sonho onde encontrava inteira satisfacção a sua esbatida e incipiente esthesia, eram as descrições fascinadoras de palacios relampejantes ao sol, em que tudo é incrustado de raras pedrarias, em que ha cupolas e thronos forrados de brilhantes, columnas e porticos de ouro massiço, deslumbrantes creações pueris da ardente imaginação oriental, da fantasia demente de homens que só conheciam o deserto... Aqui o monstruoso e terrifico é systematicamente banido e cede logar ao esplendente e ao sumptuoso, á vida ideal para que desprega as azas, no rapto delirante, uma raça infausta e vencida que esmagam a aridez inelutavel do sólo e a perpetua monotonia dos horizontes...

Seguia com curiosidade avida todos os detalhes sobre as construcções obcecantes, esforçando-se por fazer uma idéa bem nitida do que seria um palacio de ouro com zimbórios e minaretes cobertos de gemmas. E identificava-se completamente com os visionarios daquellas cidades excellentes, fundia-se com elles pela comunidade de ideal. Seria porque os povos que o sonharam eram talvez crianças tambem ou porque a criança, pelo restricto campo de experiencia e pelo pobre cabedal de conhecimentos, era tambem o beduino do deserto mental...

Mais tarde, liberto do hypnotismo daquellas narrações e possuidor já de mais apreciavel sciencia do meio physico em que vivia, lembrava-se, com um sorriso, daquella magnificencia convencional e gostava de comparal-a ao esplendor dos «seus» dias de sol: e sentia que ficava immediata e extranhamente diminuida, apresentando o brilho falso de uma apothese que vira no theatro. E' que aquelles palacios deslumbrantes, aquella vida sumptuo-





## UM PAPA-LEGUAS MARITIMO

Um barco-motor com capacidade para 8 pessoas e capaz de fazer 40 milhas por hora. Como se vê na gravura, metade do barco está fóra d'agua...

Morrer um homem ignorante, quando tinha a faculdade de conhecer, eis a que eu chamo uma coisa trágica e que deve acontecer mais de vinte vezes por minuto, como de facto acontece. Porque não se comunicar a todos, diligentemente, a miserável fracção de sciencia que o genero humano adquiriu em um vasto universo de ignorancia?

CARLYLE

\*\*\*

Póde-se distinguir quaes são os sensatos e quaes os loucos, nesta vida em que a razão ás vezes devia chamar-se tollice e genio a loucura?

MAUPASSANT

\*\*\*

A palavra Golgotha significa: lugar do craneo.

*Trivial*, etymologicamente, quer dizer: aquillo que se encontra ao atravessar a rua.

\*\*\*

As leis primitivas faziam parte dos cultos e eram cantadas. Por isso sempre se escreveram em verso, como, por exemplo, os versiculos do livro de Moysés e os çlocas do de Manú. Entre os romanos chamavam-se *carmina* (versos) e entre os gregos, cantos.

\*\*\*

A temperatura do Mediterraneo é de 10 gráus mais elevada que a do Atlantico; a evaporação é, pois, mais activa no mar interior e as suas aguas são por conseguinte mais salgadas do que as do oceano; são aguas azues que, quando chegam a atingir grande profundidade, se tornam verdes.



sa, eram o ideal da inopia de uma raça acorrentada á monotonia do deserto hostile e só podia despertar um interesse mediocre ou uma curiosidade frivola no homem que vive em meio á opulencia de uma natureza que exgottou no incola a capacidade de sonho. O brasileiro, levado á vertigem por um delirio de luz e de côres, existindo junto a um oceano soberbo e

tendo sempre diante de si o espectáculo grandioso de florestas fartas onde corre a gamma toda do verde, de aguas cantantes de rios e cachoeiras, de uma fauna e uma flora maravilhosas, não aspirará o oasis, não sonhará Chanaan...



ESTRELLAS DO CINEMA

Claire Windsor, a linda artista americana, metamorphoseada em Mme. Du Barry, a favorita de Luiz XV.



# SAPHO



S multiplas legendas imaginadas pelos antigos gregos em honra de Sapho, e tambem as aventuras de que ornaram a sua historia, fizeram dessa mulher famosa uma personagem mythica. Ella viveu, ao que parece, entre 630 e 570 antes de Christo e pouca coisa ha de certo sobre a sua existencia real.

Não obstante, sabe-se que ella morou em Lesbos e que foi obrigada a fugir para a Sicilia. Mais tarde voltou a Mitylene, onde costumava fazer reuniões de moças, a quem cantava, ao som da lyra, versos da sua lavra e a quem ensinava a poesia. Sabe-se tambem que ella casou com Cercolas de Andros, teve uma filha, Cleio, e morreu em idade avançada, o que desmente a fabula, repetida por Ovidio, do seu suicidio por ciumes. Muitas outras ficções de que ella foi objecto só têm valor historico por haverem ornado as narrações dos velhos aédos gregos.

Aliás, não se comprehende, examinadas á parte as legendas, o entusiasmo dos hellenos por Sapho, por elles considerada o maior poeta lyrico, superior mesmo a Pindaro. E' verdade que de todas as suas obras só chegaram até nós um hymno a Aphrodite, uma ode a uma

rapariga e alguns fragmentos. Mas ali não se encontra a graça e a doçura do rythmo nem a musica da linguagem que maravilharam os gregos.

No entanto, só pelo facto de ter Sapho inspirado os poetas que a cantaram, os gravadores que reproduziram os seus traços em medalhas e os esculptores que animaram o marmore com a sua figura, deve a arte humana á poetiza grega uma enorme gratidão.



**A infancia na Pintura**

La toilette de la poupée, quadro de A. Faugeron.

## FRAGMENTOS DE

### PHILOSOPHIA

A grande guerra demonstrou dois factos inteiramente novos. O primeiro é que, com o custo actual das batalhas, o vencedor fica tão arruinado como o vencido. O segundo, que as indemnizações devidas pelo vencido são indirectamente pagas pelos povos que não tomaram parte alguma no conflicto.

\*\*\*

A civilização da intelligencia não está em relação com a do sentimento, Alguns annos de educação classica bastam para fazer

de um negro um doutor, mas são necessários seculos para se fazer d'elle um homem civilizado. A guerra mostrou como eram numerosos nos grandes paizes os homens dotados de uma alta cultura mas que não tinham sahido ainda da barbaria ancestral.

Gustave LE BON

## Um Poeta muito nosso

**D**E S. Paulo, daquella admiravel S. Paulo de Klaxistas e que a par da poesia machiavelica dos Andradas nos tem dado, felizmente, o lyrismo encantador de Cleómenes Campos, o poeta encantador de «Coração Encantado» e o estro riquissimo, opulento de Paulo Gonçalves, chegou-me, ha dias, um novo livro de versos absolutamente caipiras: — «As Moreninhas», de Cesidio Ambroggi.

Devo confessar, primeiramente, que tenho em boa conta a classe, que já se vae tornando numerosa, dos chamados poetas caipiras, o nosso Catullo inclusive, mau grado algumas daquellas suas imagens de um lyrismo muito Academia de Letras, mettido a martello na cachóla dos indefesos carreiros do Cariry e dos vaqueiros do Pajahú. Para mim é o poeta caipira o mais sincero de todos os caipiras da nossa chamada poesia indigena, salvaguardados, é certo, os direitos adquiridos pelos versos heroicos do sr. Hermes Fontes, a elegancia poetica do cantor dos «Castellos na Areia» e a melancholia inofensiva e bella de Murillo Araujo.

Porque nelles, nos poetas do sertão, não ha afivellada á alma essa mascara que rouba aos aédos do Flamengo e das mattas super-civilisadas do Largo do Machado a propria individualidade: uma pretensa sensibilidade retocada exaggeradamente a traços largos do «baton» permostico da litteratura.

O nosso caipira é intencionalmente um poeta, um coração profundamente emotivo, um espirito manifestadamente bom, mesmo acocorado sobre os calcanhares como o quiz, nos «Urupês», a visão litteraria do sr. Monteiro Lobato, sentimentos esses que o caboclo faz explodir ostensivamente, ao som de uma viola, com musica de ouvido ou de Eduardo Souto, ou em melosos versinhos, quasi sempre «quadrinhas» sem aquillo a que os bigodes outr'ora parnasianos do sr. Alberto de Oliveira chamam emphaticamente de «technica do verso».

Pouco importará, sem duvida, ao caboclo poeta, a contagem de syllabas e a collocação, não de pronomes, coisa que continúa a ser, na vida publica da lingua portugueza, o mais delicioso dos problemas, um caso muito sério, mas a das to-

nicas nos seus respectivos logares, á maneira das columnas resistentes a qualquer humidade do engenheiro ferro-viario dr. Luiz Carlos.

O que o caipira quer é dizer o que sente, o que lhe vae dentro d'alma, seja lá como fôr. E' a esse salva-vidas poetico — a ingenua liberdade de não fallar correcto — que se agarram com unhas e dentes os senhores poetas caipiras, salva-vidas esse que dispensa os trabalhos estafantes do verso limado e da imagem burlada.

E esse commodismo poetico não deixa de ser, afinal, uma demonstração clara, evidente, de accetivel sinceridade.

Pelo menos não ha nesse genero nacionalisado como caipira, a intenção de pulverizar o leitor com imagens gregas passeiando, de tunica e sapatos a Luiz XV, ás margens do Amazonas, por entre casas de sapê e templos pagãos...

\*\*\*

E, talvez por isso tudo, encontrei no sr. Cesidio Ambroggi, como ha tempos no sr. Cornelio Pires, um dos mais recommendaveis poetas caipiras.

Buscando os seus assumptos por entre o sapê que cerca discretamente a intimidade do lar caipira; compondo os seus quadrinhos em motivos da vida do nosso interior, o poeta de «As Moreninhas» tem, pois, de ante-mão o seu «habeas-corpus» garantido, como todos os vates de chóças, restingas e juritys, pelas rimas de «muiê» com café ou ramo com «estamo» (estomago).

E dentro dos principios defendidos por esse «habeas-corpus», de que o caipira diz «estamo» em vez de estomago, acceto e sou o primeiro a justificar o ultimo tercetto do soneto «Na caçada», que se encontra á pag. 50 do volume:

Mas nisso, oh susto tivéra!

O bicho salta na espéra

E os pés lhe mette no «estamo».

Não ha duvida, porém, sobre a authenticidade do episodio, como é nosso tambem e muito nosso esse quadrinho delicioso de um bucolismo encantador:



«Primavera. Sol. Rumores.  
Cruzam-se azas, chilram ninhos.  
É anda uma orgia de côres  
É sons, ao léo, nos caminhos.

No terreiro nhã Dolores  
Dá quiréra a uns pintainhos;  
Junto ao «paió», grunhidores,  
Fossam alguns bacorinhos.

Rebrinha o sol, triumphal...  
Nhô Zéca Antonho a cavallo  
Se abysma num cafezal.

Geme, perto, uma cancella,  
Ao longe clarina um gallo  
É uma araponga martella...

Vejamos agora o sr. Cesidio  
Ambrogio mettido na pelle de  
poeta civilisado, a descrever,  
com ares de philosopho anti-  
quado, um velho monjolo de  
uma fazenda proxima:

«Velho monjolo, á magua con-  
[demnado!  
Quem sabe si por um estranho  
[fado  
Não tens nervos tambem e não  
[tens alma?

Prefiro, pois, a essas explo-  
sões pyrotechnicas de imagens  
avoengas, a sinceridade de ex-  
pressão dos versos caipiras:

Um foguete no ar espóca  
«Tão chegado» — diz Nhô João.  
E estúa to.la a sitióca  
N'uma enorme confusão.

Na frente a noiva, a Silóca  
Vem cavalgando o Alazão,  
Um cavallinho macóta  
Que nem tem geito de «bão».

E ao chegar, sem mais recatos,  
Dos pés arranca os sapatos  
E ao ver-se livre de peias,

— Safa! — exclama em meio ao povo,  
Sí eu me casasse de novo,  
Me casava só de meias!»

Continue, portanto, o sr. Cesidio Ambrogio  
a ver e observar as choças dos nossos pacatos  
caboclos, deixando de parte a malfadada poe-  
sia symbolista dos sertões do nosso Parnaso.

E quanto á Posteridade, não se incommo-

A angustia e o arrependimento causados  
pelos nossos actos não são muitas vezes mais  
do que o receio das suas consequencias. — SCHO-  
PENHAUER

## OS ANIMAES E O SPORT

O homem é, por principio, o rei da crea-  
ção. No entanto, sob o ponto de vista de «per-  
formances» athleticas, elle está collocado muito  
abaixo dos seus irmãos inferiores.

Não ha corredor capaz de cobrir em 10  
segundos uma distancia de 100  
metros, o que representa uma  
distancia horaria de 36 kilome-  
tros. Ora, um galgo, em per-  
curso reduzido, consegue facil-  
mente a velocidade de 72 ki-  
lometros.

Quanto á corrida de resis-  
tencia, os detentores do record  
são o lobo, que pode fazer nu-  
ma noite 150 kilometros, e o  
camello, que mantém facilmente  
a andadura de 25 kilometros á  
hora durante um dia.

Quanto ao salto de altura,  
nós nada somos em face do  
cabrito montez e do antilope,  
que transpõem habitualmente  
obstaculos de 4 metros de al-  
tura, e do jaguar, que alcança  
de um salto um galho colloca-  
do a 5 metros do sólo.

O consólo é que, em outros  
dominios, o homem é o mo-  
narcha absoluto; e tanto que,  
quando Sadi Lecointe se eleva  
a 10.500 metros, não encon-  
tra nessas alturas um só espe-  
cimen do reino animal. E quan-  
to ao record de duração, não

tardaremos em superar o albatróz, a unica ave  
marinha capaz de fazer a travessia dos oceanos.

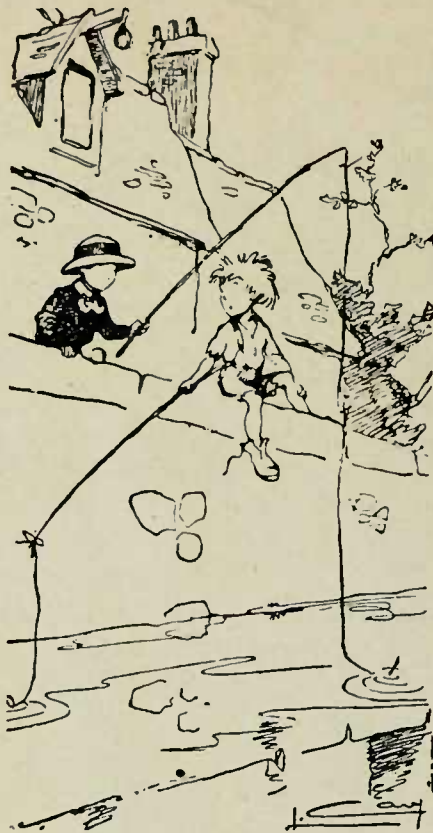
O titulo mais curto é o de um diario de  
New-York dedicado ás mathematicas e que se  
chamava simplesmente X.

O mais comprido é o de um periodico  
de Varsovia, que se chama: «Sprawosdania z —  
pismiennietwa — naukowego — polskiego — w  
— dzi — edzinie — nauk — matem — atycznych  
— i — przyrodni — czych».

de o poeta: essa exigente senhora quando pre-  
tende homenagear alguém não se recusa nunca  
a tomar uma passagem, acredite o sr. Cesidio,  
no proprio trem da Mogyana...

Terra de SENNA

### PESCADORES...



- Os meus pais têm medo que eu caia á agua..
- Pois os meus não se incommodam; eu não  
denho chapéu novo...



THEDA BARA

A fama, de que sempre foi favorita a formosa Theda Bara, parece havel-a esquecido um pouco... E no entanto Theda foi uma artista que escravizou platéas... Os seus olhos liquidos, profundos, expressivos, ainda hoje mantêm nos olhos que os viram o prestigio que emana de todas as coisas magneticas.



### OS SPORTS NA ARGENTINA

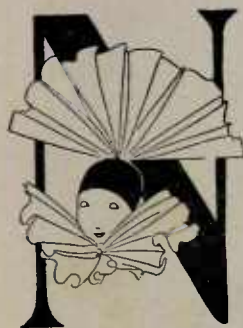
Uma vista geral do importante edifício do Club de Regatas de Rosario, tomada numa tarde calma de verão.

*PARA  
TINGIR  
EM CASA  
USEM  
SÓ*

**Germania**



## CABELLOS CORTADOS



UMA interessante *enquête*, em «Les Annales», Yvonne Sarcey dá conta da opinião de varios representantes do sexo feio sobre a moda dos cabellos cortados, em plena voga entre as lindas criaturas do sexo lindo.

Aquí vão alguns desses *veredicta*, que devem de certo interessar (interessar

sómente, porque a mulher costuma considerar de pouco peso a opinião dos individuos do sexo contrario), que deve interessar, diziamos as louras ou morenas deidades que sacrificaram no altar da Moda as suas formosas madeixas de ouro ou de ébano.

Jacques Gaudet escreve. «Apezar de não ser mais um homem casado, responde ei sem hesitação que difficilmente me casaria com uma mulher de cabellos cortados. Digo *difficilmente*, em logar de pôr a negativa absoluta, porque algumas mulheres ficam apezar de tudo bellas com esse penteado e porque, a sua finura, a sua intelligencia e o seu espirito não soffrem com isso a menor diminuição; e admitto mesmo que se possa ficar loucamente apaixonado por uma mulher de cabellos curtos, pois que sempre fica a esperança de que ella os deixe crescer de novo.

Isso não quer dizer que eu ache esse penteado absolutamente feio; mas não creio que haja nada mais admiravel, mais captivante numa mulher (á excepção dos olhos) do que uma bella cabelleira, que lhe dá uma physionomia propria e bem feminina, uma cabelleira longa e basta, arranjada de mil maneiras durante o dia, uma cabelleira cujos re-

flexos se pôdem modificar á vontade e que deixa ver uma nuca com cachos caprichosamente enrolados e macios, uma cabelleira enfim que á noite se desenrola amorosamente em madeixas odorantes, com reflexos louros, ruivos, negros ou castanhos...

Haverá coisa mais maravilhosa? Como não comprehendem as mulheres que até ás feias dará belleza e attractivos magneticos uma cabelleira sumptuosa e bem arranjada, como as que se vêm ainda na Hespanha e na Italia? Será possivel que ellas não se saiam olhar diante de um espelho? O homem é já feissimo com os seus cabellos cortados; que dizer então da

mulher cujo pescoço raspado e aspero deixa ver uma côr azulada sob os cabellos estupidamente curtos que parecem uma peruca mal collocada? E' horrendo e ás vezes repugnante! E como isso se harmoniza mal com as toilettes femininas!

O homem teve outra razão imperiosa para tosar a cabelleira e o uso fez o resto — mas nós somos e continuaremos a ser o «sexo feio».

Sou um feminista encarniçado. E desejaria que a mulher tivesse todos os direitos do homem, absolutamente todos e que vivesse como elle. Mas porque razão têm as mulheres desde algum tempo a mania absurda de tomar ao homem justamente o que elle possui de mais desagradavel ou ridiculo? Nada mais justo que a mulher cobice as liberdades do homem; mas é horrivel que ella

pretenda os nossos trajos, os nossos cabellos cortados e talvez a nossa calvicie, e as nossas manias de fumar e de jogar!

Si não houver uma reacção salutar, creio que dentro de algumas décadas só haverá um sexo, o feio, o que será uma coisa bem triste!»





### AS CAPITAES NORTISTAS

Vista geral de Aracajú, capital do pequeno mas prospero Estado, tomada de um avião. Vêm-se junto á praia, dois hydroplanos em evoluções.

Jacques Favier opina: «Cabellos cortados, olhos alongados pelo bistre, carmin nas faces e *rouge* nos labios: não! este quadro da moça de agora não é feito para seduzir os futuros maridos que nós somos!»

Paul Ainaud chega a ser rude: «Nunca poderei compreender que moças honestas tenham prazer em se parecer com as *outras*. Ha em Marselha uma categoria de jovens ou velhas criaturas de cabellos cortados a que chamam *cagoles*. E eu queria saber si «Mlle. Blonde-aux-cheveux-coupés» gostaria de ser assim chamada.»

Jacques Trévière sentença: «Penso que tudo está na «maneira»; algumas atrevidas, com o nariz no ar, gestos bruscos, vóz forte, são simplesmente odiosas com essa cabelleira de homem; outras sabem ficar sedutoras com os cabellos curtos. Não ha, a bem dizer, cabelleiras feias ou bonitas, mas bonitas ou feias maneiras de a trazer. Em summa, ha duas raças: a das que são mulheres e a das que o não são.»

Como se vê, a opinião masculina sobre a moda dos cabellos curtos é a menos favoravel possível; mas isso não importa: a questão é que as mulheres a estimem...

### “Ellas” por “Elles”

As mulheres são tolas; uma vez que o amor lhes entra no cerebro, nada mais comprehendem. Não ha sensatez que resista: o amor acima de tudo, tudo pelo amor!

MAUPASSANT

As razões por que uma mulher ama a um homem são sempre razões secretas.

HENRI BATAILLE

As mulheres que amam perdoam mais facilmente as grandes indiscrições do que as pequenas infidelidades.

LA ROCHEFOUCAULD

Aos cincoenta annos as mulheres se fazem devotas, porque esse é para ellas o tempo da apparição do diabo.

HELVECIO



A GRAÇA FEMININA NO CINEMA

Alice Terry, uma das mais lindas artistas da scena muda, que acaba de fazer um retumbante successo como protagonista do film "Scaramouche"

# As modernas instalações d'A OPTICA

RUA DA QUITANDA — Esquina da RUA BUENOS AIRES



Gabinete  
para exames



Officinas



**Exames da VISTA, GRATIS**  
**Diariamente**

**Consultorio a cargo do Dr. RODRIGUES CAÓ**  
Especialista das molestias dos olhos, com pratica nos hospitaes europeus

## ASSOPRANDO O BORE'



MERICANOS!

E' preciso que haja musculos de ferro que levantem o El-Dorado, e o apresentem rudemente á Europa, á Asia, á Africa, á Oceania! E' tempo de levarmos á bocca as

pocemas enormes, e, com ellas, apavorarmos as estrellas! E' tempo de manejarmos os tacapes deante do Sol!

A pujança da America ruge pelos seus titans de luz, que não a plasmam como ella é! Que é dos esculptores, de veias entumescidas, que lhe deem o relevo dos astros, com seus buris faiscentes? Que é dos pintores que esboçam os troncos das suas florestas e as catadupas dos seus rios, em toda a sua grandeza natural? Que é dos trovadores musculosos que a cantem em balladas e estrondos; e, com o arco retezado ao busto moreno, entõem o pean da sua alegria até as regiões inter-planetárias?

Que é dos seus artistas?

Que é dos seus sacerdotes, que professem a idolatria dos raios e dos condores? Que é dos seus juizes, nus e severos, que distribuam a justiça impeccavel de

Deus, e regulem a acção dos homens pelo movimento dos sóes?...

Nada d'isso possueis ainda, America! Nada de espiritualmente grandioso te enverga a lombada de cordilheiras e de rios-mares! Nada d'isso te faz sorrir como um jequitibá orgulhoso das suas centenas de franças. Nada d'isso, noiva de Tupan...

Tal o cacique exilado das suas hordas de bronze, — espera, ó virgem abandonada, que os teus gigantes remidos descerrem os braços para o Azul, coalhando os teus sertões, desde o Amazonas ao enxame de ilhas do Canadá e da Patagonia. Espera!

Espera, que uma geração de cyclopes vem a caminho de ti, neste seculo...

Padua de ALMEIDA.

### Sarah Bernhardt confeiteira

Pouco faltou para que a insigne tragica franceza fosse uma... confeiteira.

Num momento de raiva e de despeito, quando se achava no theatro do Gymnasio e Martigny lhe havia confiado um papel que lhe desagradava, Sarah pensou seriamente em dedicar-se ao commercio; tão seriamente, que até já havia escolhido o ramo a que ia consagrar-se: a confeitaria.

Para isso chegou mesmo a tratar uma no *boulevard* dos Italianos, que afinal não chegou a adquirir por uma questão de accommodações.

Esse motivo insignificante bastou para que Sarah Bernhardt voltasse á carreira de que estava desgostosa no momento e que mais tarde lhe daria tanta gloria e tantos lucros...



O despertar da America



# O NOVO FAUSTO



PROLONGAMENTO da vida é um desejo que nasceu talvez com o primeiro homem. Em todos os tempos essa esperança sorriu á especie. Houve quem, sonhando demasiado, procurasse tornal-a eterna, que seria o peior dos supplicios,

porque a eternidade deve ser para os deuses e para os immortaes o supremo tedio...

A vida... Uma illusão, como tudo no mundo. Morremos a cada instante, isto é, transformo-nos a cada minuto. A vida, portanto, é uma dança de Proteu. Prolongal-a equivaleria a augmentar o ludibrio de nossa condição. A nossa existencia, quiçá, a de tudo, pode ser definida pelo verso dantesco:

*Non e il mondan rumor altro che un fiato  
Di vento, ch'or vien quinci ed or vien quindi,  
E muta nome, perché muta lato.*

Deixando de definil-a pela musa dos poetas, a mesma finalidade se depara na verdade da sciencia:

«Pontes de passagem, machinas reductoras da materia e libertadoras da energia, eis o que somos.» diz o Dr. Teixeira Coimbra, na sua admiravel these de doutoramento — «A vida e a morte.»

Na Edade Media — esse calabouço da Historia — o problema foi uma idéa fixa, absorvente, dando origem á poesia dos sabios da alchimia, metaphysicos do impossivel, que sofriam o mal da vaidade incoercivel de tentar abrir as portas bronzeadas do mysterio, que ainda detêm a ansia humana de quebrar o inviolavel segredo de seu destino. Os alchimistas, com o elixir da longa vida, anhelavam uma solução para o problema do scr.

Fausto é o symbolo eterno dessa volição obscdante, infatigavel, do homem que não se conforma com a sua contingencia de ser um Prometheu que se não liberta... e envelhece.

Goethe, com a sua

obra prodigiosa de genio, deu á lenda medieval o sopro genesico da Arte, o clarão impercível da Belleza. Ahi, nesse poema immortal, o esforço para alcançar a mocidade perenne motiva osurto da alma de todos os homens que, sob o doloroso influxo do pensamento, na tortura da duvida e na angustia da razão, interrogam o Absoluto, se abysmam no universo, para roubar o fogo do ceu, para arrancar o arcano das esphinges que os envolvem, numa sublime rebeldia de titans.

Fausto, para tanto, vende a alma ao Diabo. O homem moderno, o torturado de hoje, o novo Fausto tem a mesma aspiração incontida. Absorve-o o problema inextricavel da vida e, ao revez do symbolo goethiano, entrega o seu corpo á Sciencia.

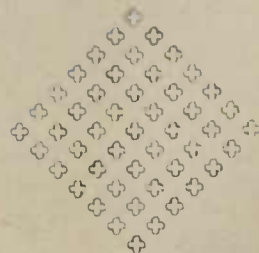
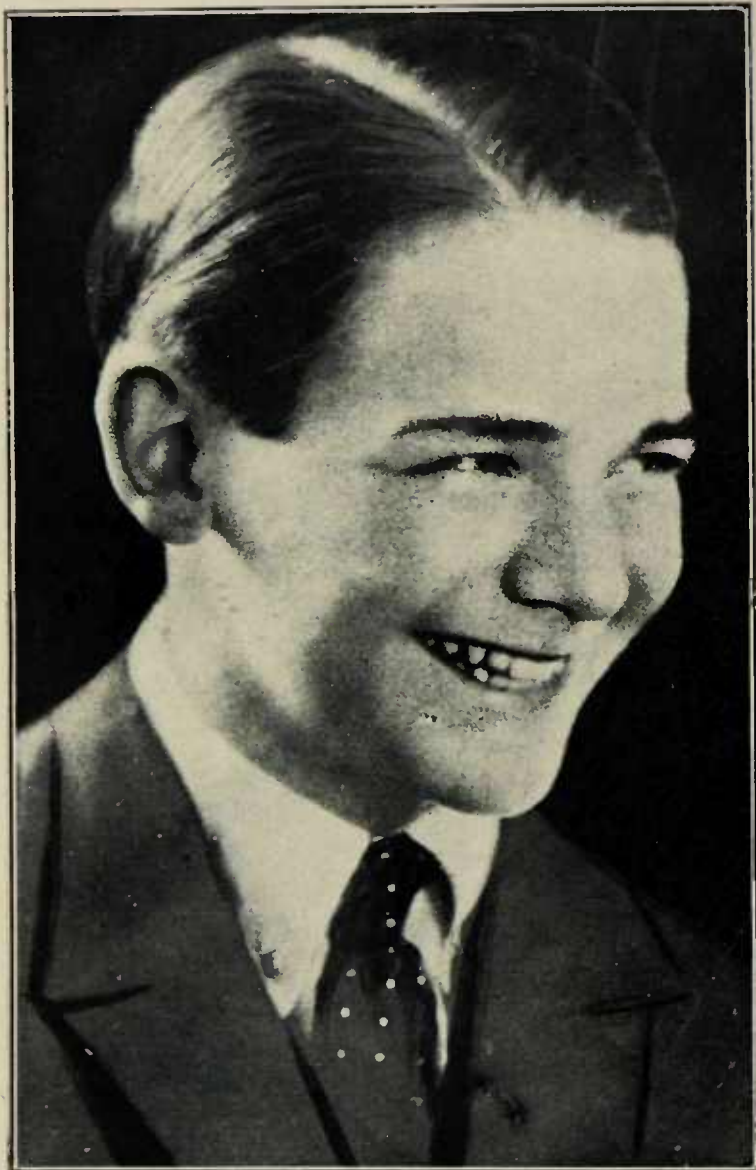
O Dr. Voronoff é, neste seculo, um Mephistopheles de bisturi, acenando-nos com a esmeralda symbolica, que representa, por signal, a esperança, esse demonio de olhos verdes, na phrase preciosa de Machado de Assis.

O rejuvenescimnto do homem serve-lhe de applicação pratica, consistindo o systema do medico diabolico em enxertar glandulas de macaco. Ha uma certa logica nesse processo maravilhoso, que actualmente interessa todas as creaturas que «dobraram» o cabo dos sessenta annos... O simio, na theoria de Darwin, é o nosso genitor veneravel, estando já muito abalada a crença de que tenhamos origem divina. Adão, sem o euphemismo lyrico da Biblia, não é senão um chimpanzé authentico. Ora, sendo assim, é justo que as glandulas do nosso pae presumível sirvam, providencialmente, para nos livrar dos horrores da longevidade, dando-nos a delicia de um retorno á edade viril.

O Dr. Voronoff torna-se, dest'arte, um thau-maturgo, um excellento Satanaz, um portentoso Messias.

Todos os velhos, neste momento, acompanham com alvoroçada soffreguidão os resultados dessa alchimia cirurgica. E até o divino Anatole France, octogenario de edade e de scepticismo, vae, ao que propala o ironico e indiscreto telegrapho, sujeitar-se á

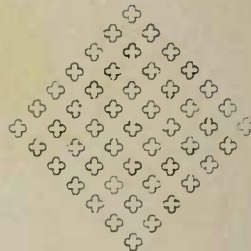




## ARTISTAS DE CINEMA



*A segunda geração de artistas da scena muda entra em scena. Agora é Douglas Fairbanks Junior que, com treze annos, começa, sob os melhores auspícios, a carreira em que o seu pai se celebrou.*



experiencia, levado talvez, pelos caprichos do amor, porquanto, depois de ter, como abelha do espirito, construido uma colméa immensa de ironia philosophica, de amavel e irreverente pessimismo, acabou victima da propria penna-estylete, ferindo-se nos espinhos das rosas que lhe perfumam O jardim de Epicuro... E, velho, fez uma tolice, perdoavel quando se tem pouco juizo e vinte annos ardorosos e inexperientes: casou-se :

Casou-se... E, *pour cause*, entrega-se á pericia do Dr. Voronoff, que, ao lhe enxertar as glandulas do macaco — o novo martyr da sciencia, que vae concorrer com os coelhos e as cobaias, victimas predilectas dos laboratorios, ha de sorrir com uma malicia de Mephistopheles e uma subtil perversidade de Sylvestre Bonnard.

Os ironistas, para não serem victimas de si mesmos, deveriam, na idade critica, abs-

ter-se do casamento, que é uma loucura justifiavel na mocidade.

O mundo, neste instante, soffre uma transformação completa. Dir-se-ia que ha uma reversão ao cahos...

Valha-me o proprio Anatole : «*Créer le monde est moins impossible que de le comprendre...*»

Saul de NAVARRO.

---

### MAXIMA PERSA

A paciencia é uma arvore de raiz amarga e de fructos saborosos.

—«O»—

O amor proprio é o maior inimigo da verdade. — SIVRY.





A DEUSA DOS FILMS DE LUXO

MAE MURRAY é uma bailarina deliciosa que toma os films para pretexto da exhibição dos seus admiraveis dotes plasticos. Os seus films representam, pois, horas de esthesia, de rythmo, de fascinação...



## Os figurinos modernos

Vestido para a tarde, de organdi havana, com saia bordada. A golla e as mangas, bem curtas, são enfeitadas com bordados diferentes. O fundo do vestido é de tafetá preto.

## A vitalidade activa dos livros

**E'** PRECISO constatar mais uma vez uma grande lei de todas as criações de arte: o que ha de melhor, de essencial, de mais vivo nellas, não é o que o artista meditou e quiz fazer, é o elemento inconsciente que elle lhes ajuntou, ás mais das vezes sem o saber e não raro máu grado seu. Devo acrescentar que é justo ver nessa inconsciencia, não uma humilhação para o artista, mas um ennobrecimento da sua obra e uma recompensa a um outro trabalho, o que elle executou, não sobre a sua propria obra, mas sobre o seu proprio espirito. Esse dom de pôr num livro mais do que se pretendia e de ultrapassar a sua propria ambição, só é concedido aos genios soffredores e sinceros que trazem no fundo do seu ser o rico thesouro de uma corajosa e alta experiencia desinteressada. Foi assim que Cervantes escreveu o «Don Quixote» e Daniel de Foë o «Robinson», sem suspeitarem do que irsnuavam: um, todo o ardor heroico do hespanhol, o outro, toda a energia solitaria do anglo-saxão. Si elles não tivessem praticado essas virtudes desde longos annos, o primeiro uma empreza cavalheiresca, o segundo uma invencivel paciencia, os seus romances na.la mais teriam sido do que aquillo que elles pretendiam, isto é, simples narrações de aventuras. Mas a sua alma valia mais do que a sua arte e ella passou nessa arte para dar-lhe o poder de symbolismo que é a vitalidade activa dos livros.

Paul BOURGET



I

**N**ÃO gostavam os outros meninos do pequeno Kostia, que era doentio e tinha o rosto transparente e os cabellos castanhos sempre despenteados.

Não gostavam delle... Porque? Com certeza pelo mesmo motivo que os adultos não gostavam dos adultos semelhantes ao Kostia pensativo e de olhos claros. Um grupo e outro se differenceiam apenas pela idade; mas o desamor subsiste.

Quasi todos os meninos repelliam igualmente a Kostia; quando este se chegava a um grupo de crianças, levantava-se um grito unanime:

— Vae-te! Vae-te! Não te queremos aqui!

Depois de permanecer um instante junto dellas, suspirava e começava a contar de um modo suave e indeciso:

— O nosso porteiro estava no pateo a fazer um buraco para plantar uma arvore e a pá bateu numa qualquer coisa dura. Olhou e eram ossos, uma caveira e uma caixa de ferro... Abriam-n'a e nella...

— Vae-te embora! Não precisamos sabel-o...

Suspirava de novo, submisso, retirava-se para um canto e, assentando-se num banco do parque aquecido pelo sol, punha-se a meditar...

— Como te chamas, menino?

— Jim...

— Vamos lá! Não és russo?

— Não, senhor; sou inglez.

— Ora, ora! E como fallas tão bem o russo?

— E' que fugimos de Londres quando eu era ainda muito pequeno.

— Fugistes? Como? Quem vos obrigou a fugir?

Os pensativos olhos do menino ergueram-se ao céu e seguiam a passagem altissima das nuvens.

— Oh! E' uma historia longa, senhor; é o caso que o meu pai matou um homem...

O senhor começou a inquietar-se e afastou-se um tanto do menino melancolico que fallava com simplicidade de coisas tão horriveis.

— Matou um homem? Porque?

— Na City havia um Banco que ainda existe e se chama... «Deustch Bank»... O meu pai estava empregado nelle e logo, graças á sua honorabilidade, foi feito caixa... Uma noite, quando punha em ordem algumas contas, viu um vulto que deslisava furtivamente pelo corredor, em direcção aos subterraneos em que se guardava o ouro... O meu pai escondeu-se e se dispoz a segui-lo. E quem julga o senhor que era aquelle homem? O director do Banco! Des-

ceu ao subterraneo, encheu uma carteira de ouro e de notas e quando sabiu o meu pai saltou-lhe á garganta, apertando-a. Papae comprehendeu que si o outro conseguisse escapar toda a culpa recabiria sobre elle. O desespero deu-lhe forças; atracou-se com o canalha e logrou estrangulal-o. Chegou á casa na mesma noite, tomou-me nos braços, atravessámos o Tamisa e viemos para a Russia.

— Pobre cabecinha! disse com pena o homem, dando-lhe palmadinhas no hombro. E a tua mãe, onde está?

— Morreu queimada, senhor.

— Queimada?

— Uma vez os garotos de Londres embeberam de petroleo um rato e atearam-lhe fogo; naquelle momento passava a mamãe pela rua, com as compras que fizera; o rato, que ardia, mettu-se pelo seu capote e ao cabo de um minuto a mamãe parecia um archote...

O pequeno pendeu tristemente a cabeça e emmudeceu; pouco faltou para que o compassivo senhor se desfizesse em pranto, profundamente chocado por tanta desdita.

— Pobre creaturinha! Vem, vou acompanhar-te até á casa, afim de que nada te aconteça de mal.

Jim sorria brandamente.

— Não, senhor; nada me acontecerá! Vê este talisman? Elle me protege contra tudo e contra todos!

Tirou do bolso um pedaço de madeira e mostrou-o confiadamente ao seu interlocutor.

— Que talisman é este?

— Deu-m'o na Criméa uma velha tartara. Lembro-me ainda: estavamos trepados a um penhasco altissimo, bem á borda do mar.

E que succedeu? Enquanto eu o tinha em meu poder, a pedra rolou debaixo dos seus pés e... pum! Ella e a pedra, no mar!...

— Um milagre! Um verdadeiro milagre! Esta é a tua casa? Bem; adeus, Jim; sê feliz, meu pequeno!

Jim subiu animosamente a escada e o senhor acompanhou-o com a vista admirada...

E ficou tão largo tempo, abstracto, que a porteira, com as saias arregaçadas, chegou-se a elle, perguntando-lhe:

— Quem procura o senhor?

— Ninguém. Diga-me:

quem é o menino que acaba de entrar ahí?

— E' Kostia, o filhinho dos Cherepitzin. Porque pergunta?

— Como? Não é inglez?

— Que pergunta! E' um fedelho, e nada mais.

Com certeza lhe pregou algum carapetão, não é? A sua mãe faz todo o possivel para cural-o desse vicio, sem nada conseguir.

— Elle tem a mãe viva?

— Sem duvida! Mas com certeza acabará com ella si proseguir nas suas mentiras. Que pequeno embusteiro! Já o conhecem em toda a rua. E' surprehendente!

11

Ao chamado insistente da campainha, abriu-lhe a porta a empregada Uliacha.

— Onde esteve você, Kostia, a estas horas?

— Distrahindo-me na rua; um automovel acaba de atropelar o nosso porteiro e estive vendo. Vê si tenho sangue nos sapatos...

— Quem foi atropelado, Estevão? Mataram-n'o?

— Sim. Os cavallos tomaram o freio nos dentes... O carro levava uma senhora elegante... e Estevão atirou-se para segurar as re-deas dos animaes...

— Porque é que mentes assim, Kostia? A principio era um automovel, agora é um cavallo. Sempre inventas cada coisa!

— Não. Não é invenção. E a condessa affirmou que, depois de curada, se casaria com elle...

— Está bem, basta de mentiras. A comida está esfriando; a mamãe sabiu e a vóvó está te esperando...

Balançando-se nas suas perniilhas delgadas, Kostia fez um tregeito mysterioso e dirigiu-se para a sala de jantar.

— Porque vens tão tarde? perguntou-lhe a avósinha, indo ao seu encontro. Onde estí-veste mettido?

— Estive uma hora defronte á nossa porta. Uma historia interessantissima!

— Que foi?

— Comprehendes, vóvó?

— Já chegando á nossa porta, olhei e... dois sujeitos estavam a fazer não sei que com a fechadura; um dizia: «A cêra está muito dura, não sáe o molde» e o outro, que era mais baixo, respondeu-lhe: «Aperta, aperta, que sahirá!»

— Kostia, gritava a avó alarmada, não mintas!

— Está bem; si julgas que são mentiras... respondeu Kostia, sorrindo sarcasticamente; deixa que elles penetrem na casa e nos roubem tudo e nos degollem. Então verás si são mentiras ou verdades. A minha obrigação é contar o que vi...

A avósinha se desesperava.

— Kostia, estás mentindol



Vejo pelos teus olhos que acabas de inventar essa história.

— Inventar? fez elle, dando ás suas palavras um tom sibyllino. E si eu te mostrar o pedaço de cêra, dirás tambem que o inventei?

— E como o tens em teu poder?

— Muito simplesmente: elles subiram a um carro, eu tomei a trazeira e, quando chegámos aos suburbios, passei correndo junto do homem mais baixo, dei-lhe um tranco e tirei-lhe do bolso o molde de cêra. Aqui está elle!

Tomou pela segunda vez do mesmo pedaço de madeira que havia mostrado no jardim e mostrou-o de longe á avósinha de vista fraca.

A duvida apossava-se do coração desta: «Bem sei que é mentira... Mas si acaso é verdade o que elle diz? Ha casos de ladrões que tiram moldes das fechaduras, penetram nas casas e degolam os moradores. Ainda hontem li no jornal um caso destes. E' preciso dizer a Uliacha que feche o ferrolho da porta...»

— Vae chamar Uliacha. Kostia obedeceu e foi a correr até ao vestibulo, onde gritou a Uliacha, que falava ao telephone:

— Uliacha! Deixaste outra vez aberta a torneira da cosinha. Está cheia d'agua e os moveis estão sahindo pela janella!

Uliacha abandona depressa o phone que bate ruidosamente contra a parede; corre até á cosinha, tropeçando nos moveis que encontra no caminho.

Ao cabo de um minuto desenrolou-se uma scena tremenda.

— Kostia! Mentiste outra vez! Vou-me embora desta casa, que não posso mais supportar isto!

— Eu pensava que corria agua — disse Kostia, justificando-se timidamente, a olhar com olhos supplicantes a criada enfurecida. Pelo menos ouvi o barulho...

Quem sabe o que era esse doce e inoffensivo menino? Talvez lhe parecesse uma realidade que os homens que estavam fumando pacificamente junto de sua casa intentassem de facto tirar o molde de cêra da fechadura...

### III

A' noite estava Kostia no gabinete do seu pai, junto á mesa de escrever, e com olhos muito abertos olhava as mãos do seu progenitor que mexiam varios papeis.

— Onde estiveste hoje, Kostia?

— No jardim.

— Viste boas coisas?

— Vi a mãe de Lidochka Priaguina.

—Que dizes? A mãe de Lidochka já morreu!

— Pois ahi está o que assombra. Estava eu sentado num banco quando, de repente, do meio da folhagem, começou a surgir e a approximar-se de mim, assim como uma nuvem cinzenta... mais perto... cada vez mais perto. Olhei: era a mãe de Lidochka. Estava tão triste! Chegou-se rapidamente a mim, poz-me a mão á cabeça, ameaçou-me com um dedo e foi-se, sem me dizer palavra...

— Sim, senhor, exclamou o pai, olhando o filho com um sorriso indulgente. Que coisas acontecem ás vezes!

— Que papel é este, papai? perguntou Kostia, olhando o pai por cima do hombro. Tem uma pistola desenhada...

— Isto é a conta da casa de armas. Comprei um revolver para o nosso Banco.

— Um revolevr?

— Sim, para o cobrador.

— Um revolver?

Kostia, com os olhos muito abertos, olhava fixamente a face sorridente do pai. Já haviam voado muito longe os seus pensamentos e pelo seu rostinho passavam sombras imperceptíveis de idéas...

Tremeu, levantou-se de um salto e sahiu do gabinete, no seu passinho miúdo. Atravessou como um vendaval as salas e como um vendaval, os cabellos desgrednhados, entrou no quarto da mamãe, que trabalhava calmamente junto á mesa.

— Mamãe! Papai está passando mal!

— Que foi?

— Ao entrar no seu gabinete vi-o ahi do chão, junto á mesa, ao lado de um revolver. Perto ha uma mancha de...

Um grito selvagem, espantoso...

— Que heide fazer deste menino? interrogava a mãe, chorando e olhando Kostia quasi com odio, ao passo que este, assustado como um passaro em dia de tormenta, atracava-se ao pescoço do pai.

Com as suas mentiras este pequeno acabará fazendo-nos loucos! A criada nem pode vel-o, e os meninos o repellem como a um cachorro leproso. E' uma criança que faz pena. Que será delle quando crescer?

— Bem o imagino, infelizmente, disse o pai a meia voz, estreitando contra o peito a cabecinha do filho. Crescerá e todo mundo se afastará delle, como agora; não o comprehenderão e zombarão delle...

— E quando se tornar homem enfim?

— Querida, disse tristemente o pai, abanando a cabeça que já começava a encanecer. Será poeta...

Arcadio AVERCHENKO





## A VIDA URBANA

Esperando que passe a chuva...

### Philosophia para os dias de chuva

A arte não passa talvez do dom de oinar a verdade com as graças irresistíveis da mentira.

\*\*\*

O vento que apaga o phosphoro accende o brazeiro.

\*\*\*

A desgraça alheia nunca nos parece inteiramente immerecida.

\*\*\*

### PROVERBIOS TURCOS

A bocca do sensato está no coração. O coração do louco está na bocca.

\*\*\*

Quem dá pouco, dá do coração; quem dá muito, dá da fortuna.

\*\*\*

A pouco e pouco o rouxinol canta na gaiola.

*Émile Bergerat*

## AMERICA

### EXPEDIENTE

|               |             |       |
|---------------|-------------|-------|
| Numero avulso | Na Capital  | \$500 |
|               | Nos Estados | \$600 |

E' nosso representante na cidade de Santos, o Sr. José Spindola Teixeira.

### SÃO NOSSOS AGENTES :

Para todo Estado de São Paulo, o Sr. Antonio de Maria, rua da Boa Vista 5 A, Capital, por cujo intermedio devem ser feitos os pedidos dos agentes de revistas do interior do Estado.

Na cidade de Santos, Sr. Daiva Magalhães.

No Estado da Bahia, o Sr. Manoel Porto, Portão da Piedade 11, Capital.

### IMPRESSO NA CASA

**HOEPFNER & CIA. LTD.**

AV. MEM DE SÁ 236-240 — RIO

Redacção: R. da Quitanda 157, 1.º andar

RIO DE JANEIRO



**M**ME. Naquette, muito animada, conversa com a filha. Magdalena desenha no ar um gesto de certeza.

— Mamãe, eu o amo!

— Ora!

— Como, assim? São coisas que se sentem, ahí está!

— E's uma menina!

— Tenho vinte e seis annos!

— Nem por isso deixas de ser uma menina e a imaginação das meninas póde enganar-as.

— Estou segura de mim.

— E estás certa de que Gérard Nageur também te ama?

— Certíssima.

— Eu, de mim, te confesso, minha filha, que não me encarregaria de fazer a felicidade de um homem divorciado. E' peor do que casar com um viuvo.

— Porque, mamãe?

— Porque, num viuvo, foi a força maior que rompeu os laços. Talvez seja um homem serio que soffreu; posso acreditar no seu bom coração, ao passo que um divorciado...

— Bem sabes, que a razão está com Gérard e que foi essa Odette que o fez infeliz...

— Não é isso que diz o processo...

— Ora, o processo! Creio que não irás censurar a Gérard o ter-se elle mostrado um ca-

valheiro e o haver assumido responsabilidades imaginarias para não comprometter a reputação de uma mulher que tinha usado o seu nome. Em summa, elle procedeu correctamente!

Mme. Naquette dá de hombros:

— Nunca ouvi dizer que Odette tivesse enganado o marido!

Magdalena desatou a rir:

— Isso lhe teria sido difficil, feia como é! Garanto-te que ninguem tentaria seduzil-a...

— Então, porque motivo Nageur se divorciou?

— Porque? fez Magdalena com vehemencia. Mas, mamãe, não é só porque um conjuge engana o outro que a gente se divorcia...

— Confesso-te mesmo, Magdalena, que isso ainda não é uma razão sufficiente.

— Que é que julgas necessario, minha pobre mamãe?

— Eu sou assim. Não gosto do divorcio. Tenho horror ao divorcio. As nossas mães não se divorciavam e o mundo não andava peor; ao contrario. Quanto a Nageur, uma vez que a sua mulher não o enganava...

— Era peor ainda! O pobre rapaz fez-me as suas confidencias. Essa Odette tinha um genio terrivel.

— Elle o devia ter verificado antes do casamento.

— Foi só depois que ella se revelou. Parece que ella era exigente, tyrannica, autoritaria. Tinha ciumes de tudo. Acabára por indispor Gérard com todos os amigos; invejosa, cheia de orgulho, ella brigava com elle sempre que a mulher de um amigo lhe mostrava uma joia nova: «Ella tem sorte, ao passo que eu...» Podes imaginar a existencia agradavel que o misero levava...

— Evidentemente, si...

— Quanto ao interior, Odette não accitava a menor observação. Si Gérard se queixava de que as suas camisas não tinham botões, a megéra respondia-lhe que elle proprio os pregasse... Si elle timidamente mostrava o desejo de comer um prato predilecto, a perversa objectava logo que custava muito caro. Si trazia um camarada para jantar, ella fazia máu modo e num dia em que elle se zangou e lhe respondeu, ella quebrou dois pratos de raiva, e amouu durante uma semana!

Mme. Naquette não pode deixar de rir:

— E' um numero, essa Mme. Nageur!

Magdalena irritou-se:

— Ella não é mais Mme. Nageur! Não tem mais direito de chamar-se assim! Ella retomou o seu nome de solteira «Goulache» que é afinal bem ridiculo e parece feito para ella!

— E tu, então, queres por tua vez chamar-te Mme. Nageur? Estás decidida?

— Eu e Gérard nos amamos, mamãe.

— Tu és maior, minha filha. Não te posso impedir de fazer o que queres. Permite-me apenas que te dê alguns conselhos.

— Escuta-os-ei, mamãe. Escutarei o que te dictarem a tua affeição por mim e a tua experiencia.

— Muito bem. O meu conselho é que deverás mostrar-te tanto mais meiga para o teu marido quanto a outra era aspera.

— E' a minha intenção.

— Deixarás esse homem exercer no seu lar a sua legitima autoridade...

— Estamos de accordo.

— Seguirás a sua opinião em todos os assumptos...

— Fal-o-ei.

— Prepararás gulodices para elle...

— Estou prompta a isso.

— Nesse caso elle achará uma tal differença entre a sua vida passada e a nova, que se sentirá feliz e te adorará.

— Mamãe, exclamou Magdalena exaltada e satisfeita, estou certa de que Gérard me dará a felicidade.

— Escreve-lhe pois, para que venha verme e pedir-me a tua mão. Que pretendo eu, minha querida? Que nada lamentos, mais tarde.

— Nada lamentarei, descansa!

— Beija-me e trata de ti como desejas...

\*\*\*

Ha um anno Magdalena tornou-se Mme. Gérard Nageur.

A principio elles formaram o lar mais lindo que se pode imaginar.

Mme. Naquette todos os dias se felicitava pela escolha da sua filha.

Depois verificou ligeiras mudanças na attitude dos esposos. Gérard por qualquer coisa se irritava. Magdalena esforçava-se por agradar-lhe, mas não o conseguia tão facilmente como ao principio.

A's palavras doces e submissas da mulher, Nageur respondia de máo humor. Um dia em que Magdalena havia ousado contrariar a sua opinião a proposito de uma peça de theatro que havia visto na véspera, Gérard se exaltou e chamou-a tola.

Num outro dia Magdalena, com um vestido novo, dizia ao marido:

— Vês? Comprei este vestido rosa porque me disséste que gostavas dessa côr...

Ao que Nageur respondeu:

— Não queres então ter um gôsto só teu?

Uma manhã em que Gérard dava o laço a uma gravata de um verde berante, Magdalena disse-lhe delicadamente:

— Que côr engraçada escolheste!

Nageur voltou-se







OS  
VITRAES  
ARTISTICOS

A arte do vitral, que foi uma das maiores bellezas da architectura do Norte, continúa a merecer dos italianos o maior carinho. Ha artistas mediterraneos que se consagram com esforço á produçção de obras-primas nesse genero difficel. Vittorio Grassi, por exemplo, desenhou esse admiravel vitral "O idolo" verdadeiro prodigio de estylizaçção que é uma gloria para a moderna arte italiana.

e, batendo com o pé, atirou-lhe:

— Eu faço o que queres, entendes? Não recebo ordens de ninguém. Trata de ti e deixa-me em paz!

Essas discussões se repetiam a miúdo e acabaram por levar Magdalena, banhada em pranto, á pobre Mme. Naquette, que não pode occultar a sua emoção.

Mme. Naquette não hesitou, porque era resoluta e principalmente porque era mãe.

Foi procurar o genro e teve com elle uma longa conversação.

Depois dessa longa conversação ella teve outra com Magdalena, que encontrou abatida e dolente:

— Acabo de ver o teu marido. Compreendo tudo. Nós nos enganámos. Accuso-me de te haver dado maus conselhos. Vamos mudar de methodo, minha querida Magdalena. O teu marido é um patife. E' um covarde. A sua primeira mulher fazia-o tremer; e agia como bem entendia. Tomaste o meio contrario e esse imbecil logo abusou. Quanto mais de abaixaste diante d'elle, mais elle pensou que se elevava. Quanto mais gentil e complacente te mostravas, tanto mais elle se fazia autoritario. E' preciso mudar tudo isso!

Vaes fazer-me o favor de resistir francamente e de, á primeira palavra, abater a prôa desse tratante. A minha opinião está formada Elle é apenas estúpido. Ha pois um recurso. Porque para não fazer o que se quer, de um marido estúpido, é preciso ser mais estúpido do que elle. Faze o que te digo. Faze-o hoje mesmo, e dá-me noticias. Em ultima analyse, não deviamos ter mudado os seus habitos...

\*\*\*

Mme. Naquette percebia que o lar da sua filha já ia melhor. Nageur perdêra os seus ares fanfarrões e falava de novo com doçura a Magdalena. Até que um dia a joven Mme. Nageur chegou a casa da sua mãe com o olhar brilhante e a alegria estampada no rosto:

— Vê, mamãe, o que Gérard me trouxe ainda agora!

E mostrava no braço um lindo bracelete ornado de brilhantes e de esmeraldas.

— Como foi isso, meu Deus! exclamou Mme. Naquette extasiada.

— Oh! pouca coisa. Esta manhã, ao almoço, Gérard me irritava. Então eu lhe atirei o meu copo á cara...

Pierre VALDAGNE

# CAVALLINHOS

O TEMPO — uma boniteza! Dias muito claros, sol que era uma gostosura, pela manhã então, para aquecer a gente; noites de luar, convidando ás *costaneiras* com as suas valsas muito lentas, os seus *lundús* buliçosos e as suas modinhas apaixonadas.

Mas, faltava alguma coisa... Nas rodas de palestra, queixavam-se de um *aburcemento* que não tinha arrumação», e os *assustados*, organizados ás pressas, aos domingos, concorrendo os rapazes na *provata* para os sequilhos e o cervejame, não bastavam.

Um velhote sertanejo, contando suas prosas á porta do negocio do Quincas, dizia que nunca vira o «paiz tão esturdio e chué» que até parecia o «anno da fumaça.» Nos dias de serviço, quem não entrava no *lasca*, ao menos para *barranquear*, bobeava á tóa, sem ter onde ir.

Num *átimo*, porém, tudo mudou. Chegaram os *cavallinhos*. Não tardou que, á entrada da cidade, na beira da estrada que ia dar ao rio, começassem a armar o circo. A menina «amontou» lá, rente, assistindo ao trabalho de «fazer» as archibancadas. Ergueu-se o mastro, um cujo tope, desbotada e suja, fluctuava a bandeira nacional.

Em poucos dias, promptinho o barracão de panno velho, com remendos.

Na tarde da estréa, o palhaço passeou a cavallo por toda a cidade, annunciando o *espectaque* da grande companhia «Estrella do Norte». A garotada, na fiuza de apanhar entrada, seguia, ruído magote, o cavallincoque, a passo. Ora enganchado, ora de pé no largo sellim, o palhaço, a cara lustrosa de preto, os beiços muito vermelhos, os olhos muito brancos, cantarlava o *prégão*; quando elle, alçando os braços, dizia: «O paiáço é bão!», a menina respondia: «Pra comê feijão!» Fazia uma pirueta e: «Catirina na jinella!» e os garotos logo de prompto: «Com carinho de pannela!»

Todos accorriam para vêr, e o palhaço, notando moças, rindo-se, careteava, bamboleando-se, a dizer: «Catirina, qué que tem?» o grupo, sem tardança: «Perna fina, meu bem!», E o

remate era «Rapadura é coisa dura?» a que todos, voz bem forte, respondiam: «E' sim sinhô!»

Mal principiava o lusco-fusco da tardinha, começava a subir gente pela rua que ia dar ao circo; eram os crioulos com taboleiros, os negociantes miudos que collocavam perto da entrada mesas com garrafas de cerveja e de *samba*; negras que armavam trempes para «quentar» café, e outras que vendiam *quitandas* e pasteis, cobertos com uma toalha muto anilada, nos balaios; luzes de lanternas picavam o escuro, e, á porta do circo, o *pharol* tresandando a «oleo», dava uma luz fumarenta.

Com pouco, vinha a musica. Um dobrado de «mexer com o povo». Vozeio constante, risadas, e a meninada, rondando o barracão, *caçando* meio de entrar por debaixo do panno. De vez em vez, um foguete listrava o ar. Povo vinha vindo, e destacava-se a figura de algum *cometa*, lenço de sêda ao pescoço, paletot de palha de sêda, *pharol* no annular, bem á mostra, falando com o sotaque portuguez. Comprava-se o *buleto*; entrava-se. Nas geraes, já um *povão*. Os *belgas*, em roda do mastro, clareavam o recinto. Nas cadeiras, as moças *só na puba* de vestidos pimpões; o dr. juiz de direito, com o seu todo achamboado; o promotor, de lunetas, muito na «imposturia de ser doutor», namorador como ninguem, fariscando casamento *ourado*; o juiz municipal, solteirão incorrigivel, sempre «de nariz torcido», achando tudo aquillo uma «besteira».

Começava o spectaculo. Da hi a nada, rebentavam as *pipocas*: o povo estava achando tudo bom. A's graças do palhaço, encalistrando seu mestre, — estouravam as gargalhadas. A' aparição da artista, a cavallo, com o saio azul esvoaçando, corpete com lentejoulas, deixando vêr o collo empoadado, risonha, faceira, cumprimentando, atirando beijos, a roceirada, o olhar acceso, resmungava um «Eh! dona!» e era toda attenção. Alguns apreciavam o animal, davam opinião, como entendidos.

A musica *chorava* uma valsa, depois atacava um galope: a artista, agitando o chicotinho, va-



rava arcos de papel, pulava faixas que os criados esticavam.

Das geraes, rompiam «bravos!», mais fortes as palmas, e, quando o animal, a passo, dava a volta ao picadeiro, a *dona* sorria, agradecendo as saudações.

O espectáculo estava «bom na circumstancia» — commentava o povinho que, no intervalo, vinha todo cá para fóra «arejar». Em redor dos botequins, a freguezia chuchurreava o café na tigela, e as *quitandas* tinham sahida; outros toravam um *golo* da «branca», pigarreavam; muitos, acororando-se junto aos fogõesinhos, puxavam brazas para o *pito* que haviam posto detraz da orelha ou na fita do chapéu.

Conversavam: Estava bom devéras! A *dona* era um *trem na conta*. .. Agora, que o palhaço, no violão, fosse como o da terra, isso *á dio!* era *baixo p'ra topá!*

O *cometa*, muito liberal, offerecia cerveja aos conhecidos, abraçando-os, aproveitando o ensejo para um «pedidosinho». Baforava uma fumarda do charuto, conservando-lhe a cinza «fazendo um bonito» e acrescentava que em fazendas tinha um sortimento como si «*podia desejar*». Um zum-zum continuo; pregões de botequineiros cantavam no ar, a que subia uma poeira fina que as luzes douravam. Noctivagos, sem *tacho*, rondavam os arredores; não raro o carreirão dos meninos, em algazarra, porque o «homem dos cavallinhos» pegára um rapazinho entrando por baixo do panno. Outros, lamuriantes, pediam á gente que passava: «Moço, *mi dá um buleto?*»

Dentro, tocava a sineta. Todo o povo abalava. A musica quebrava uma polka. Era a vez dos trabalhos ao trapezio. Tudo erguia olhos lá para cima; nos lances mais difficeis, ouvia-se um «chiii». Muitos baixavam a cabeça achando aquillo um «disparate». Respiravam mais desafogados, quando os artistas desciam vagorosamente, volteando na corda, e pulavam em terra. Atroava o vivorio; reboava a salva de palmas. Então, uma voz grossa partia das geraes: «Palhaço, a chula!» Outras vozes secundavam: «A chula!»

O palhaço accedia. Era de vêr como a roceirada applaudia. Choviam os apartes: «Ahi, damnisco!» «Isso, macota!» «Tá sósinho, malungo!»

Após a pantomima, ainda a rapaziada, já no *chodó* por al guma das «moças do circo», gritava-lhe pelo nome, applaudindo muito, tirando os chapéus, num entusiasmo *onça*.

Gente da roça desamarrava os animaes presos nas estacas, e ia-se, aproveitando a *lua*, que já havia apparecido.

Lá no alto, o velho relógio da capella batia meia noite.

Aos grupos, vinha o povo descendo, commentando o que vira, recordando-se de outras companhias, cotejando o merito dos artistas. Senhoras, zangando creanças que dormiam, caminhavam apressadas, afflictas por casa.

Em volta dos *botequins*, palestrava-se ainda; mas não tardava que tudo silenciasse e, do fogosinho das trempes, morrendo aos poucos, sahia tenue fumo.

Ao primeiro cantar dos gallos, já a cidade repousava a somno solto. Ao luar, descido o panno, via-se o mastro do circo, muito alto, sem bandeira.

Oito dias depois, iam-se os *cavallinhos*. E ganharam bem «ali na nota», diziam todos. A meninada assistia aos desmanchar do circo; por muito tempo, lá ficava, no chão de terra vermelha, o signal do picadeiro; nas cinzas dos fogõesinhos ronronavam os gatos vadios; nas palestras, repetiam-se as graçolas do palhaço, os seus lundús, e faziam-se referencias brejeiras á plastica das artistas, que deixavam, saudosos, os seus partidarios.

Azevedo JUNIOR.

## AS MARAVILHAS DO CINEMA

OS biologistas americanos ligam a maior importancia ás experiencias ha pouco realizadas pelo Dr. Herm, do museu americano de historia natural, com um novo typo de cine-microscopio.

O Dr. Herm conseguiu photographar a lenta incubação de um pinto no ovo. Com um extremo cuidado, um pedaço de dois centímetros e meio da casca de um ovo foi substituído pelo vidro e, por essa pequena janella, foram tomados automaticamente clichés, de 10 em 10 minutos, durante um periodo de trinta e tres horas. O film obtido mostra nitidamente a transformação do ovo fresco até ao momento em que começa a bater o coração do pinto.

Julgam os sabios que com o aperfeiçoamento desse processo chegar-se-á a estudar os progressos das colonias de microbios pathogenos em certas molestias.





## Réclame Yankee

Os americanos imaginaram uma curiosa réclame para «lançar» a praia estival de Ventnor: uma longa fila de banhistas encantadoras que traziam grandes letras brancas sobre os maillots negros, passeava pela cidade e pela praia. As letras, reunidas, formavam esta phrase: *If you want live, live in Ventnor.* (Si quereis viver, vivei em Ventnor).

Em varios pontos da India cada noivo se marca com o sangue do bupro, provavelmente para significar a intima união realizada entre elles.

## A esculptura franceza

“Rei morto, rei posto” *Antoine Bourdelle é hoje considerado o digno substituto de Rodin na arte franceza. A esculptura do mestre vivo tem a nobre severidade, o cunho emocional e torturado que fizeram a gloria do mestre que a França perdeu. Além do retrato do grande esculptor, estampamos aqui dois trabalhos seus: um busto de Anatole France, seu amigo, e “A esculptora” composição exquisita que é um verdadeiro padrão da sua obra.*

## ..... A VISÃO DA GUERRA .....

**A** GUERRA é formosa para ti, ó joven ardente que, cheio de illusões de glória, nasceste com boa estrella: as baixas inimigas te pouparão, enquanto os teus companheiros irão cahindo como fructos maduros de um ramo secco; sahirás victorioso nas lutas, e quando voltares, cheio do orgulho do vencedor, todos te aclamarão como um dos primeiros filhos da Patria.

Para ti, mercador, que passarás bem explorando iniquamente os patriotas necessitados negociando com a Republica, que bendirás essa discordia que te encherá de dinheiro e de satisfações.

Para ti, banqueiro, que emprestarás o teu dinheiro a juro alto: para ti, senhor da polvora e de machinas de matar homens, que venderás os teus ferros a preços fabulosos — sangue e ouro — verdugo de miseros povos lançados ao mar, ao vento á sepultura.

Para ti, eterno descontente, politico ambicioso que, depois da carnificina, irás alegrar-te com os restos da desgraça ou inflar-te com a victoria que tramarás uma nova infamia para que, quando a nação houver recobrado a saude perdida e as suas vejas de novo se entumecerem, consigas novas discordias que tragam nova vingança de odios de invejas.

Para ti, artista pensador, que achas um campo admiravel em que deixes voar as tuas fantasias...

Mas para aquellas pobres velhas que sómente poderão chorar, para aquellas mulheres pallidas, para aquellas miseras crianças desamparadas... para aquellas pensões solicitadas, para aquella luz á noite, para aquellas tristes machinas de costura... para aquellos vestidos pretos...

Ruben DARIO.

## MARAT E A VIVISECCÃO

As linhas que se vão lêr, extrahidas da correspondencia de Marat e traçadas dez annos antes dos sombrios dias do Terror, constituem um documento curioso sobre a mentalidade do famoso revolucionario.

«Affirmaes, escreve o futuro terrorista a um dos seus amigos, que não podeis ver innocentes animaes rasgados pelo escalpêllo; o meu coração é tão terno como o vosso e eu tambem não gosto de ver soffrer pobres creaturas; mas seria impossivel comprehender as secretas, pasmosas e inexplicaveis maravilhas do corpo humano si se não tentasse surprehender a natureza na sua obra e não se poderia chegar a esse resultado sem fazer um pouco de mal por muito bem: só assim se pode ser bemfeitor da humanidade. A observação dos musculos e as differentes propriedades do sangue levaram-me a fazer importantes descobertas, a que eu nunca teria chegado si não houvesse cortado a cabe-

ça e os membrós a uma porção de animaes. Confesso que ao principio sentia pena e repugnancia; mas acostumei-me pouco a pouco a isso e consolo-me com a idéa de que assim procedi para allivio da humanidade.»



**OS PINTORES DO NÚ**

«Après le tub», de Frèrebeau (Salão de Paris, 1912).

## LEITURAS DE INFANCIA

**E**M tempo de férias, as minhas exigencias intellectuaes se reduzem a bem pouca coisa.

Isso porque é agradável, e ao mesmo tempo hygienico, descansar o cerebro por algumas semanas. Bem sei que se poderia aspirar um uso mais intenso da intellectualidade. Ha tantos genios eminentes, porém mais ou menos absconsos, aos quaes nunca tivemos a coragem de procurar e a que poderíamos consagrar algumas tardes! Embora fique diminuido aos vossos olhos, confesso ter da philosophia de Spinoza e do poema de Dante idéas singularmente superficiaes. Não seria a occasião de aprofundal-as?

Sem duvida, mas não a aproveitarei. Porque ha igualmente ao alcance da minha mão «As desventuras de Sophia», «Os filhos do Capitão Grant» e «Robinson».

E aposto cem contra um em que, si eu daqui a pouco abrir um livro, hade ser um destes.

Porque? Não é unicamente por causa do seu valor intrinseco. Não que eu negue os meritos de Mme. de Ségur, cujos contos não cessam de entusiasmar as gerações successivas, nem os de Julio Verne, antecipador maravilhoso e suggestivo de todas as descobertas do ultimo meio



## O moderno vitral italiano

Um artistico vitral desenhado por Duilio Cambellotti e executado por Picchiarini. Numa época em que a decoração chegou a uma vóga extraordinária, em que os mínimos objectos se ornaram para tornarem mais bella a existencia, os pintores põem todo o engenho na confecção de trabalhos como o desse artista da Península, que com tanta felicidade estylizou um grupo de aves entre ramos de arvores.

seculo, e ainda menos os de Daniel de Foë, cuja narrativa tem tanto mérito philosophico quanto litterario.

Mas não é unicamente nem sobretudo por causa das suas qualidades que eu relerei esses livros. E' porque os li quando criança; porque elles fizeram vibrar a minha incipiente sensibilidade e porque, ao folhear-os de novo, é a mim mesmo que revejo, um eu que é o mesmo do menino cujos traços se apagam sobre photographias amarelladas.

Pensar que esse menino foi morto para sempre pelo velho senhor que escreve estas linhas é uma idéa inexprimivelmente melancolica. E ha um prazer, que eu me sinto inteiramente incapaz de definir, em achar de novo, aqui e alli, alguns fragmentos delle entre as paginas fanadas dos livros que povoaram com as suas visões a alma sedenta e anciosa da criança...

Quando as releio, despertam em mim velhas pequeninas coisas delicadas. E tenho a idéa de que estou muito menos morto.

André LICHTENBERGER



## A história do verdadeiro d'Artagnan

Si de facto existiu, não teve no entanto a existencia aventureira imaginada por Alexandre Dumas, que delle fez o heróe do seu celebre romance. Não obstante, não ha muita differença entre o d'Artagnan ficticio e o cadete da realidade que, chegado a Paris famelico e cheio de ambições, ter-se-ia tornado marechal de França si não fosse um deasastrado tiro de mosquete. E' o que se vae vêr com a leitura desta narrativa do historiador H. de Fels.

**F**ELTRO galantemente recurvado, dentes de lobo sob um bigode retorcido, a mão pousada sobre a concha de uma longa espada; intrepido mas reflectido: orgulhoso, mas astuto; habil no manejo das armas, mas com o espirito fino como a lamina da sua espada, tal se apresenta á nossa imaginação o d'Artagnan, heróe do romance. Que perderá, comparado a elle, o verdadeiro mosqueteiro do rei, Charles de Batz-Castelmore, chamado d'Artagnan? E' que os homens de lettras se mostram prodigos de anedotas aventureiras a seu respeito. Antes de Alexandre Dumas, um outro escriptor, Courtils de Sandras, começou a legenda. Desde 1700, isto é, vinte e sete annos depois da morte da per sonagem, já esse folliculario orna a sua historia de episodios cheios de imaginação e de erros. Para melhor illudir o leitor, elle publica as memorias de d'Artagnan, de que o heróe jamais escreveu uma linha, mas através das quaes, sempre com a espada á mão e a fanfarrice aos labios, elle se eleva á fortuna sob o sorriso das bellas e a admiração dos poderosos.

Na aldeia de Lupiac, não longe de

Mirande, o castello de Castelmore, em que o nosso homem nasceu ahi por 1620, não tinha razão alguma de erguer uma torre orgulhosa. O seu dominio media-se pela sombra que elle projectava sobre o solo; o interior era nu' e apenas continha moveis usuaes, sem pretensão a luxo. A vida era mediocre e as sete crianças que se comprimiam em torno da mesa paterna alli saboreavam este prato bem pouco custoso: a esperanza que lhes davam as narrativas familiares sobre tantos gascões miseraveis tornados illustres na côrte de Henrique IV este mesmo um heróe afortunado.

\*\*\*

Quando, em 1640, o futuro mosqueteiro tomou o caminho de Paris, é provavel que, com tal regimen, estivesse magro como um pastor da sua terra. Elle não perdera tempo em estudar; a sua instrucção se limitava a saber manejar uma espada, e elle a manejava bem.

Essa espada era a sua principal riqueza; si nada prova que elle partisse do castello natal com uma golla de 22 francos e com dez escudos nas botas, o que é certo é que elle não possuía as 250 libras necessarias, nesse tempo de vida barata, para ir a Paris equipar-se convenientemente e esperar o bom vento. Miseravel dos maiores, elle era além disso de uma nobreza duvidosa, o que prova a multa imposta mais tarde, por usurpação de titulo aos seus irmãos, como elle Batz-Castelmore. Por prudencia, pois, o nosso cavalheiro intitoulou-se Artagnan, nome já usado com vantagem na côrte e oriundo da illustre familia dos Montesquiou, a que pertencia a sua mãe, cuja alliança havia enchido de orgulho os Batz-Castelmore, descendentes de commerciante de Lupiac. Não importa. Não era necessario



possuir tantos escudos, nem títulos de nobreza para vencer sob Luiz XIII, quando se era gascão, isto é, bravo, ambicioso, cheio de presumpção, com o nariz assestado para a fortuna.

Em Paris Artagnan instalou-se na rua dos Fossoyeurs, no albergue do Gaillard-Bois, a dois passos da rua de Tournon, em que estava o palacio do senhor de Troisville, capitão dos mosqueteiros.

E' exacto que elle tinha uma carta de recomendação para de Troisville e que elle travou conhecimento, em casa deste, mas sem episodios romancescos, com tres outros gascões, grandes espadachins, chamados pela lenda: Athos, Porthos e Aramis.

O primeiro que elle encontrou, Porthos (na realidade, Isaac de Portau) depois de ouvir o joven Artagnan elogiar os seus parentes de Montesquiou, disse-lhe mais ou menos o seguinte:

— Está bem. Deveis, pois, imital-os em tudo; do contrario o melhor é voltardes para o logar de que viestes.

Artagnan ligou-se tambem a Henry d'Aramitz, a que o titulo feudal de abbade leigo d'Aramitz valeu, sob o reino de Alexandre Du-

mas, um episcopado imaginario e gostos ecclesiasticos provavelmente tambem imaginarios.

O terceiro amigo, Armand de Sillègue d'Athos, nunca teve nada de mysterioso. Franco-mosqueteiro, elle não se tornou conde de la Fère, na sua velhice, pela simples razão de que morreu em 1643, de um ferimento a espada recebido talvez no curso de um combate no qual elle assistia o nosso heroe.

Artagnan certamente tomou parte em duellos. Mas si se ignora que elle tenha sido algum dia ferido em combate regular, muito menos se sabe que elle haja participado de encontros sensacionaes. Quando elle appareceu em Paris os editos de Richelieu tinham acalmado os duellistas. Havia ainda quem se batesse por questões de honra, mas a moda estava em declinio.

Bastou pois a d'Artagnan mostrar-se, em algumas circunstancias banaes, com a espada á mão, para estabelecer a sua reputação de gentilhomem valoroso. Em todo caso, é certo que sobre o seu destino os duellos nenhuma influencia exerceram; nem o sitio de La Rochelle, tampouco, nem as contendas de Richelieu com Anna d'Austria e Buckingham, pois o nosso cadete de Gasconha, nessa epoca, ainda brincava nas ruas de Lupiac com fedelhos da sua idade.

Entrando para as guardas elle ficou quasi sempre nos exercitos e se conduziu brilhantemente nos assedios de Arras, de La Bassée e de algumas outras cidades. Em Gravelines elle penetra só num forte avançado dos hespanhóes. O camarada que o acompanhava abandonou-o e conta na

companhia que Artagnan morreu crivado de golpes. Os francezes atacam e o encontram bem vivo, occupando sósinho a posição onde aliás elle não achára inimigo algum. Foi sem duvida este episodio que fez conceber a Dumas a idéa do bastião de La Rochelle. No entanto, apesar dos seus serviços, Artagnan arrasta sempre botas sem solas; afinal, nomeado mosqueteiro, elle entrevê as primeiras perspectivas. E' no



### PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

"O FLIRT" POSE DE HANNA GATH E ILSE EILERS, DE BERLIM.



campo de Amiens. Mazarino pede a de Troisville a designação de dois mosqueteiros que sejam fidalgos mas que tenham apenas a capa e a espada, afim de estar certo do seu zelo em troca da fortuna que lhes promette. De Troisville apresenta-lhe d'Artagnan e um certo Besmaun.

Os dois mosqueteiros imaginam-se já subitamente ricos; mas têm de fazer largo desconto, porque a generosidade de Mazarino é limitada. O ministro os emprega em várias missões, para as quaes lhes entregaram algum dinheiro; mas, pagas as despesas, ficava-lhes tão pequeno lucro que para elles não havia differença do passado.

Havia no emtanto uma para Artagnan; porque elle bem depressa se fez apreciar pelas suas qualidades de homem de confiança e pelo seu valor de infatigavel cavalleiro. Tornando creatura do primeiro ministro, o mosqueteiro executa logo proezas formidaveis. Assim, durante a Fronde, recebida a noticia da batalha de Rethel, elle é enviado a esta cidade, ao marechal du Plessis. No dia seguinte elle já se acha de volta.

A sua celeridade e exactidão no cumprimento de ordens, o partido que tomou de seguir Mazarino durante a sua desgraça, o cuidado com que serviu ao ministro de mensageiro para a França, fizeram já d'elle uma pequena personagem. Artagnan obteve já uma patente de capitão das guardas, mas espera coisa melhor, pois, quando Mazarino entra triumphante em Paris, o ministro sabe, e o joven rei muito menos o ignora, que Artagnan é tão valente soldado quanto servidor seguro nas missões que demandam discreção e esperteza. O gascão agil e frio, como diz Cyrano, está portanto em pleno exito.

Quando o rei reorganiza a sua companhia de mosqueteiros, dissolvida em 1646, é a Artagnan que elle nomeia o seu sub-logar-tenente. E, em realidade, entregal-a á sua direcção, porque o capitão de titulo, o duque de Nevers, della não se occupa. Já não se trata, aliás, dos espadachins esfarrapados de Luiz XIII, amadores de duellos e de grandes bebedeiras nas tavernas. E' o esquadrão de escól que dá ao seu chefe um lugar entre as altos dignitarios do exercito, composto que é de fidalgos disciplinados, todos vestidos com a casaca azul com grandes cruces de prata, todos montados em magnificos cavallos uniformemente pardos.

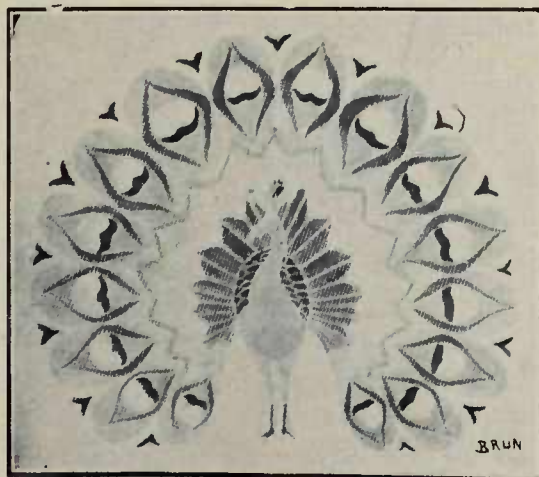
Saudado na cidade pelo olhar admirado das burguezas, Artagnan procura imitar a alta personagem na cõrte em que elle tem o favor do soberano; frequenta a casa de Mme. de Sévigné, perde-se ás vezes pelos salões das preciosas e necessita de uma singular finura de espirito para não deixar transparecer, sob o seu gibão de cavalleiro *parvenu*, o fidalgo ignorante e rude que vinte annos de campanha ainda mais embrutece-ram. Elle fará ainda melhor neste genero.

Falta apenas á sua fortuna um casamento rico; este se apresenta. A 5 de Março de 1659, no Louvre, em presença de Luiz XIV, elle assigna o seu contracto de casamento, com a nobre dama Charlotte-Anne de Chanlecy.

No emtanto os mosqueteiros acompanham a Saint-Jean-de-Luz Luiz XIV que vai desposar nessa cidade Maria Thereza. Talvez, ao passar não muito longe de Castelmore, Artagnan tivesse deixado o cortejo para ir de uma caminhada saudar a mansão paterna. Mas a visita foi rapida, porque o gascão não era homem que medisse melancolicamente sobre o limiar dos seus paes a fuga do tempo e se enternecesse com as lembranças da sua mocidade. Só o interessava a acção e um bello dia se preparava para elle, esse 26 de Agosto de 1660, em que Paris, coberto de arcos de triumpho, ia acolher com enthusiasmo a nova rainha que lhe trazia Luiz XIV, na aurora gloriosa do seu reino. Artagnan, nessa circumstancia, foi magnifico, precedendo os soberanos á frente da sua companhia, pomposamente vestido e montado num cavallo de preço «ornado, nada mais nada menos, como um altar de confraria», que levava cerca de vinte pistolas de fitas.

O sub logar-tenente está a ponto de tornar-se capitão; ao horizonte se desenha mesmo para elle o bastão de marechal. Elle é chamado para as grandes fortunas, diz Saint-Simon. Luiz XIV lhe confia, primeiramente, a missão mais de-

licada: encarrega-o de prender em grande segredo Fouquet, o superintendente das finanças que, quasi tão poderoso como o rei, é por este accusado de prevaricação. Fouquet é preso em sigillo. O soberano só tem confiança em Artagnan, o unico que póde ver o prisioneiro. Durante longos mezes elle não o deixará, como a sua sombra e, facto unico nos annaes das prisões, cumpriu a sua missão satisfazendo o rei, Fou-



quiet e os amigos de Fouquet, de que elle foi a unica consolação.

\*\*\*

Cinco annos depois de ter conduzido o superintendente á fortaleza de Pignerol, Artagnan é chamado a exercer os mesmos talentos e as mesmas funcções para com uma outra personagem consideravel, Lauzun, de quem a *Grande Mademoiselle* queria fazer o seu marido. O já então capitão de mosqueteiros executou mais uma vez a tarefa com os louvores combinados do que den a ordem de prisão e do proprio prisioneiro.

Que tacto e que habilidade, nesse soldado sem cultura! Habilidade e tacto que fazem delie uma figura muito mais complexa e rara do que a do duellista legendario.

Só lhe restava esperar tranquillamente as ultimas honrarias que lhe faltavam. Mas Artagnan, apesar de ter mais de cincoenta annos e de haver dado provas de capacidade como diplomata de cõrte, era ainda, antes de tudo, um fogoso militar.

Em 1673 elle toma parte no sitio de Maestricht. Ataca com os seus mosqueteiros e quando estes voltam, com a espada amolgada e sangrenta, tendo perdido cento e trinta dos seus, em tresentos, o capitão falta á chamada. Muito amado pelos seus homens, alguns vão á sua procura numa meialua hatida pelo fogo inimigo, e acham Artagnan morto, com o pescoço atravessado por uma hala de mosquete. O cadette de Gasconha morria como heróe.

«O rei, diz *La Gazette de France*, falou muito bem de d'Artagnan nessa occasião, e louvou-o em particular pelo facto de ser elle o unico homem que achou meios de se fazer amar pelos outros, sem fazer aliás para elles coisas extremamente agradaveis.»

Mesmo despojado das aventuras que o fizeram celebre através do romance, não vale o verdadeiro Artagnan tanto como a sua legenda?

H. de FELS.

---

## O CAVALLLO DE CIRCO

---

(Conto para crianças)

**N**ELUSKO era um cavallinho malhado, elegante e ligeiro, que fazia inveja aos outros individuos da sua especie. Nenhum animal apparecia com mais garbo no picadeiro do circo em que trabalhava e onde fõra criado. Quando elle surgia, airoso, meneando a cabeça, com o seu trote miudo, a agitar a

crina soberba, orgulhoso de supportar no seu dorso a graciosa artista acrobata que mais o aflagava do que lhe hatia com o chicotinho, um sussurro corria pela multidão que enchia a casa de espectaculos. As crianças hatiam palmas e não se cansavam de admirar o intelligente e bello animal.

Habitado a fazer, desde pequeno, apenas aquelle trabalho, Nelusko nunca se preoccupou de aprender outra coisa. E si sabia do trote em volta do picadeiro, apenas tinha geito para marchar lentamente pelo gramado do campo em que pastava, e isso mesmo por que era obrigado a procurar os melhores sitios em que havia grama tenra. Nelusko era indolente e julgava que com o facil trabalho do circo estaria eternamente a salvo de difficuldades.

Ora, aconteceu que o dono do circo resolveu acabar com aquella profissão e dedicar-se a outros negocios. Vendeu, pois, o material, os artistas dispersaram-se, á procura de outros trabalhos e Nelusko foi vendido a um leiteiro, para puchar uma carrocinha de distribuição domiciliar de leite.

Mas, habituado á marcha circular em torno do picadeiro, o antigo cavallo de circo começou a gyrar com a carroça no meio da praça publica, mostrando-se imprestavel para o novo serviço. Resultado: apanhou muitas chicotadas, que nem de longe se pareciam com as cariciosas chicotadas da acrobata, e, além disso foi vendido a um roceiro, para montaria. Com o roceiro não se mostrou melhor o pobre Nelusko e dava a impressão de um cavallo maluco todas as vezes em que o seu proprietario o cavalgava e começavam os dois a andar á roda.

Está claro que o cavalleiro tambem parecia doido.

Vendido novamente, Nelusko passou de mão a mão durante muitos annos, sempre incapaz de se adaptar a outro trabalho que não fosse andar á roda e a apanhar sempre bordoadas dos seus donos enfurecidos.

E, como só aprendera a gyrar, acabou medio-cemente, elle, que fõra um cavallo admirado e invejado, a puxar o braço de um moinho de farinha, trabalho monotono e sem brilho, muito proprio para a paciencia dos pobres burrinhos.

Isto mostra que animaes e homens necessitam de ter conhecimentos variados, para serem applicados quando novas condições de vida o exigirem.

G. L.

---

Quem sabe viver com pouco, de nada sente falta. — PUBLIUS SYRUS.





## O MASCARA — DE — FERRO

O *Mascara de ferro*, de que Maurice Rostand fez o herói de um drama, é um enigma histórico que por muito tempo apaixonou os espiritos. Nesta pagina G. Lenôtre expõe uma das mais extranhas hypotheses imaginadas, a de pretender que o prisioneiro mysterioso não era outro sinão Molière.

—«o»—

**H**A cerca de quarenta annos, Anatole Loquin, que manifestamente tinha vagares e não sabia em que occupal-os, imaginou que nem tudo era normal nas circumstancias conhecidas da morte de Molière; depois de ler o livro de Yung sobre o Mascara de ferro, elle reparou que a primeiro menção que se fez desse prisioneiro mysterioso remonta ao mez de abril de 1673. Estabeleceu-se pois no seu espirito uma correlação funesta: o desgraçado que arrastam de prisão em prisão, cujo rosto cobrem, não com uma mascara de ferro, mas com uma de velludo... E' que esse rosto era, pois, muito conhecido! Porque occultar os seus traços physionomicos aos camponios francezes que o viam passar com o seu guarda, o Snr. de Saint-Mars, si esses traços não fossem populares? Si o prisioneiro mascarado era, como se disse, Mattioli, o agente do duque de Mantua, ou o patriarcha armenio Avedick, ou mesmo o duque de Monmouth, ou o duque de Beaufort, ou o conde de Vermandois, ou um irmão de Luiz XIV, como mais tarde insinuou Voltaire, porque dissimular o seu rosto, que ninguem na provincia conhecia? Ao passo que a precaução se impunha e justificava, si se tratasse de um comediante que, durante dezeseis annos, corrêra as aldeias da França, que todos os camponezes ha-

viam visto representar as suas farças. A concordancia das datas é aliás eloquente. Julga-se que Molière morreu a 16 de fevereiro; o prisioneiro mascarado, um mez mais tarde, estava a caminho de Pignerol, a sua primeira Bastilha. Não ha duvida: era Molière! Os seus inimigos tudo conseguiram da indulgencia culpada do rei; conseguiu-se fazer comprehender a Sua Magestade que o seu protegido era indigno do augusto favor. Mas como não se podia incriminar as comedias que o proprio Luiz XIV apoiára e applaudira, foi necessario precisar o crime do Escriptor immoral que por muito tempo zombára das leis divinas e humanas e achou-se isto: Molière, casando-se com Armande Béjart, desposára a propria filha; estabeleceu-se uma confusão voluntaria entre Armande, nascida 24 annos depois da sua irmã Madeleine, e a pequena Françoise, filha dessa mesma Madeleine; affirmou-se audaciosamente que nunca houvera Françoise alguma, mas sómente uma Armande e que esse nascimento datava do tempo em que Molière vivia com a sua linda camarada. Deve-se crer que de todos os odios, o dos autores sem talento e invejosos do successo dos seus confrades felizes é o que se revêla mais tenaz e rancoroso, porque essa odiosa calumnia era da invenção do poeta Montfleury; este vingava-se assim dos motes com que Molière o zurzira em *L'Impromptu de Versailles*.

Enganado, Luiz XIV indignou-se. O caso estava para decidir-se; mas o rei não podia pensar em entregar ao carrasco um homem de que elle sempre tomára a defesa: fôra dar-se um desmentido a si proprio. Elle consentiu, afinal, em que o autor do *Tartufe* se sumisse de tal modo que ninguem mais ouvisse falar delle. Dahi essa «desgraça» subita, essa morte supposta, essa inhumação ficticia e a mascara, precaução supre-



## FOOT-BALL

O combinado carioca, vencido pelos paulistas no último jogo do campeonato deste anno.

ma que evitasse todo perigo de um eventual reconhecimento.

\*\*\*

Convém observar que, quando uma supposição desse genero se fórma no cerebro de um erudito amator, effectua-se espontaneamente um phenomeno de crystallização que sem cessar a refôrça. Tudo o mais que ler, tudo o que souber, servirá para subsidio da sua idéa. Não mais será senhor da sua critica e fechará voluntariamente os olhos ás contradicções mais evidentes. Tal foi o caso de Anatole Loquin. Elle estudou primeiro a certidão de obito de Molière, e o que ali achou, ou melhor, o que não achou, encheu-o de confiança. Officialmente, com effeito, Molière não morreu a 17 de janeiro de 1673; a certidão que constata esse pretendido obito, não assignada por testemunhas, é legalmente nulla. Póde-se, ao menos, encontrar o tumulo do autor das *Precieuses*? Não. Elle foi inhumado «ao pé da Cruz» do cemiterio Saint-Joseph, diz esse documento suspeito e foi nesse logar que Mme. Molière fez collocar uma pedra «de um pé de altura acima do solo»; mas a desgraça (ou a

intriga) quiz que o tumulo fosse excavado em 1722, e os ossos fossem depositados «proximo á casa do capellão»; dahi foram retirados em 1750 e levados para a igreja de Saint-Joseph «onde ainda estavam em 1770»; só então os inhumaram de novo «no local primitivo», para de novo os exhumarem em 1792. Collocados numa caixa e etiquetados, foram mettidos na crypta da igreja, depois levados para o sotão do corpo de guarda visinho; em 1799 viajaram até ao Museu dos Monumentos Francezes (jardim da actual Escola de Bellas Artes) e foram emfim collocados, em 1817, no cemiterio *du Père-Lachaise*. Portanto, nem certidão de obito, nem tumulo.

Anatole Loquin, preocupado com decifrar o enigma do Mascara de ferro, propunha-se assim o problema:

«Achar um homem célebre, extremamente em vista, de rosto bem conhecido, julgado morto repentinamente depois de 1670 e antes de 1674 e que tivesse provocado odios e temores bastante vivos para que fosse afastado definitivamente, sem morrer, do tracto dos vivos».

Deve-se reconhecer que nunca um dialectico foi menos inspirado porque certamente, sem



### As toilettes elegantes

Elegante traje de tarde em «crêpe georgette» resedá sobre fundo da mesma côr.

A frente é ornada nos dois lados com um entremeio de crivo sobre organli.

O cinto que augmenta o corpo do vestido, tem o mesmo enfeite que a saia.

se dar conta, Anatole Loquin adaptava os seus dados a uma solução que tinha toda prompta, em vez de subordinar essa solução a premissas estabelecidas com intencão de animo.

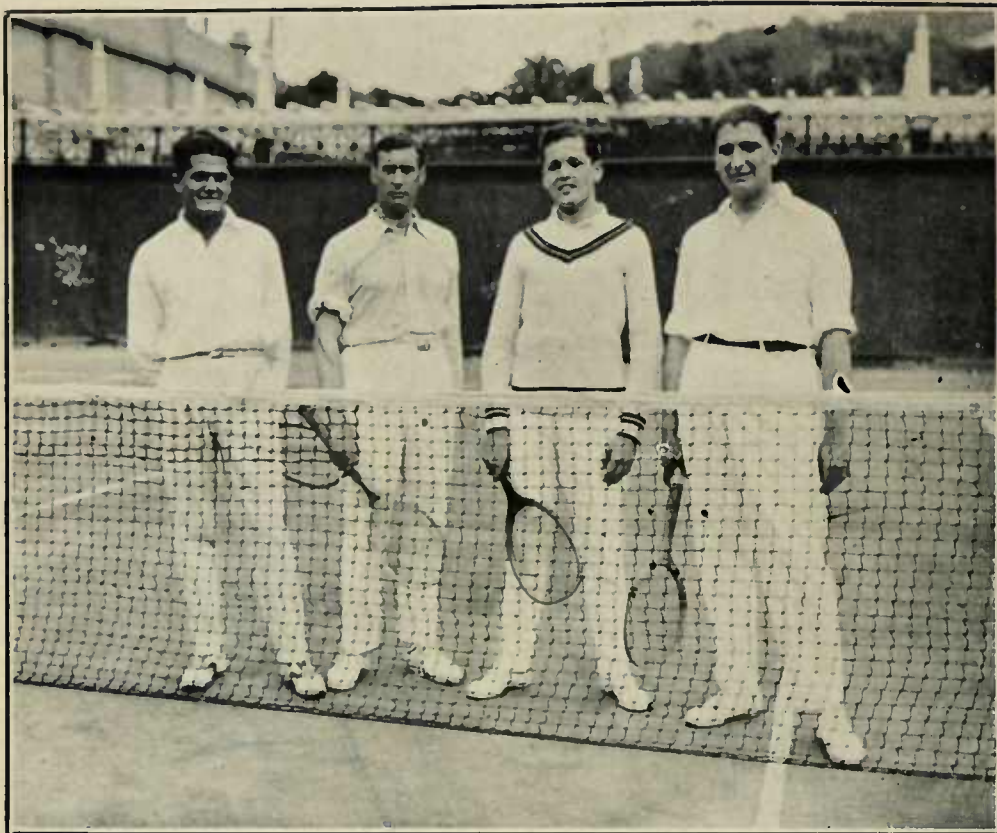
As suas eram arbitrias. Nada faz crer, com effeito, que o homem de mascaras de ferro fosse celebre nem *extremamente em vista*; a data em que essa sinistra apparição faz a sua entrada na Historia não está forçosamente comprehendida entre 1670 e 1674 pois que Voltaire, que se fez o seu primeiro empresario, indica a de 1661; outros se inclinam por 1669. Depois dos trabalhos decisivos de Frantz Funck-Brentano, devemos-nos deter na data de 1678.

Aliás eu me admiro de que elle não tenha sido detido na sua demonstração fantasista pela constatação de um facto innegavel e que oppõe á sua these uma objecção peremptoria. Ninguem ignora que Armande Béjart, depois da morte, ou, si qui zerm, do desaparecimento de Molière, casou-se a 31 de maio de 1677 com o comediante Guérin, conhecido no theatro pelo nome de Estriche. Ora, é verosimil que si, pelo respeito para com a religião e os seus ministros, Luiz XIV tivesse sacrificado Molière ao odio dos seus devotos, elle supportaria que a 'mulher *não viuva* do seu prisioneiro mascarado casasse de novo? Isso teria sido tornar-se cumplice de um acto de bigamia, crime julgado no seculo XVII muito mais severamente do que hoje e considerado então um sacrilegio pelas leis da Igreja.

Decididamente, a supposição de Anatole Loquin levaria a consequencias imprevistas; o seu ponto de partida era visivelmente falso e Molière não era o Mascara de ferro.

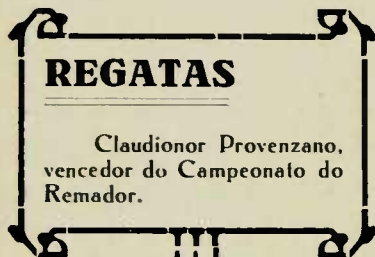
G. LENOTRE





## TENNIS

Alguns vencedores  
dos jogos entre S.  
Paulo e Rio.



## REGATAS

Claudionor Provenzano,  
vencedor do Campeonato do  
Remador.



# O PLAGIO DA MODA

Os grandes modistas francezes se prepararam para perseguir os plagiarios.

Já não é só a litteratura que soffre esta praga de imitadores. Os modelos que tantos desvelos custam aos artistas da moda e que são apresentados orgulhosamente por seus creadores, soffrem o ultraje da imitação.

O papel do plagiario é bastante facil e se exerce sem esforço de imaginação.

Os industriaes americanos que fazem edições clandestinas de obras europeas, chegaram a estabelecer um centro de imitações em Paris.

Os modistas não acham meio de se defender. Não ha nenhum modelo que esteja livre de uma copia, tão bem feita, que é inutil aos grandes modistas invocarem os fóros de sua arte, dizendo que o traje ou chapéu copiado não tem a graça e a distincção do modelo original; a differença de preço faz com que as copias alcancem maior venda.

E' verdade que a copia dos modelos é um delicto. Os modelos da alta costura são, como se sabe, patentes e a reprodução prohibida; a copia é sujeita ás penas da lei.

E' tão difficil porém ao modista provar um destes delictos, como ao escriptor ou ao pintor que vê sua obra desfigurada por um imitador.

Quando um plagiario compra um modelo, imita-o variando pequenos detalhes, porém o sufficiente para que perca a identidade e o põe á venda a preços sem competencia, vulgarizando-o para a exportação.

O desespero dos modistas está nessa fal-

ta de provas. A moda é plagiaria por natureza. No tocante á moda a mulher tem um grande instincto de imitação. Copiam uma das outras, penteados, chapéus, trajes, adornos.

Sempre a moda foi plagio. Um dia a Imperatriz Eugenia que tão plagiada foi nas suas crinlinas e suas modas, apresentando-se com seu filho, em uma parada militar, collocou uma ban-

deira vermelha como insignia de guerra, sobre o seu traje preto. Surprehendida assim pela vista da esposa do Embaixador Inglez e seduzida esta, pela graça da hesnhola, foi lançada a moda das bandeiras vermelhas.

A faixa que amarrrou nos seus cabellos a bella Marqueza de Fontanges deu origem ao penteado de seu nome.

Bastou que um dia uma bella levantasse as mangas do vestido deante do soberano que elogiára seus braços, para que todas as outras passassem a usar mangas curtas.

O mesmo motivo fez cahir aquelles imensos penteados que eram castellos com armadura de arame, para que imperasse o penteado baixo.

Não se usam em nossos dias os bandós á Cleo de Merode e ainda não impera a cinta á Langle como a usa a bella nadadora?

A moda sempre foi imitação. Até uma das prendas de mais antigo e discutido uso, o *corset*, foi inventado pelas mulheres para imitar a cintura de véspera dos guerreiros do Norte.

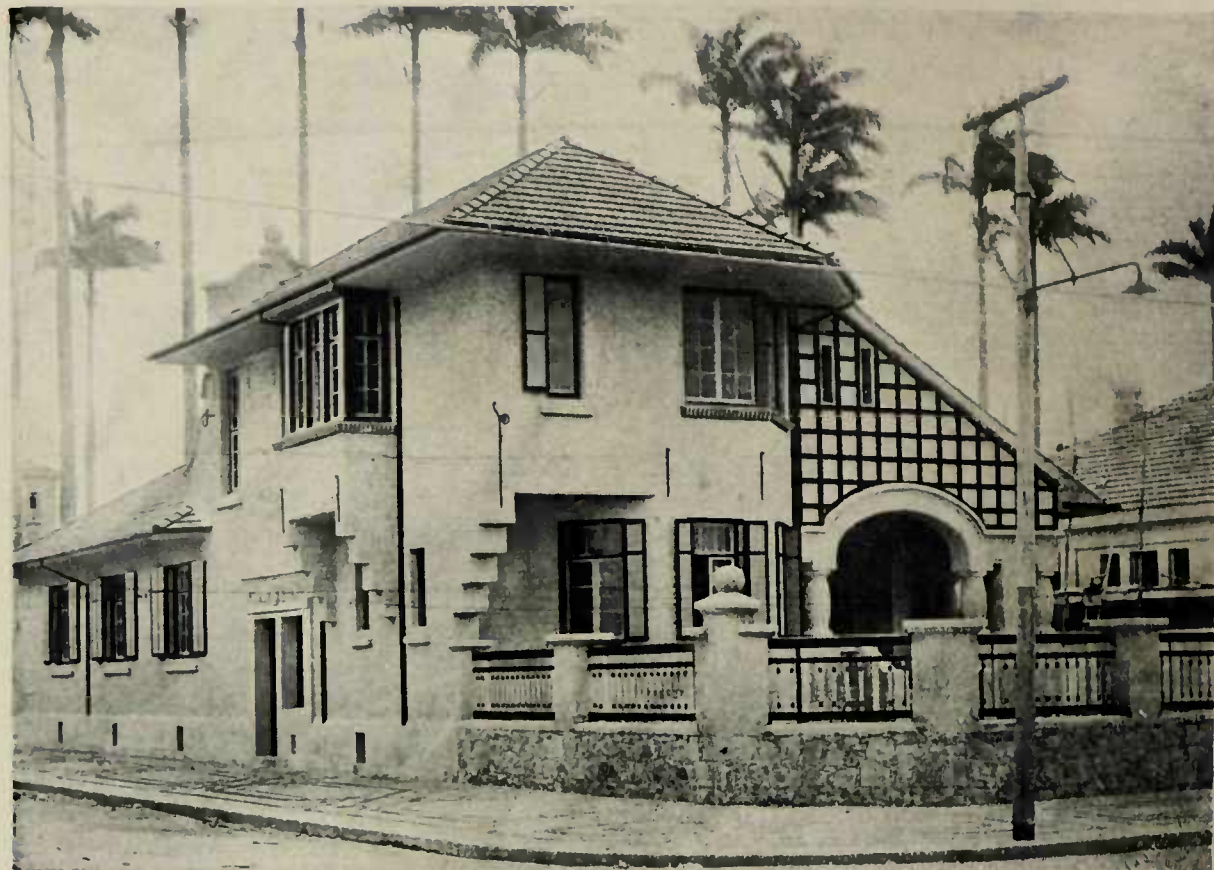
O que salva o grande modista é poder satisfazer o anhelos de originalidade, o lesejo de ser o primeiro em apresentar um modelo que usem todas as mulheres, e o orgulho de ostentar uma grande firma, como garantia de elegancia, no forro das toilettes. Isso deve bastar-lhes.

CARMEN.



## OS BOUDOIRS MODERNOS

Uma elegante "coiffeuse" da ultima moda.



### AS CONSTRUÇÕES MODERNAS

O lindo e elegante predio construido em Santos para o Coronel Joaquim Montenegro, pela Companhia Constructora de Santos. E' uma residencia confortavel e distincta, no genero em que se tornou especialista a companhia referida.

## OS PROGRESSOS DE SANTOS

Em exposição clara e magnifica, um brilhante collaborador da «A Tribuna», estylista impecavel, de merito assás reconhecido, tem discriminado os evidentes progressos grandiosos da cidade de Santos, nos ultimos annos, sob a administração do seu actual prefeito, apesar da situação precaria e oppressiva das finanças do municipio, oriunda das gestões transactas.

Opportunamente, com a succinta apreciação que exige o exiguo espaço de uma revista que, como *America*, se occupa de assumptos diversos e multiplos, trataremos dos surprehendentes progressos da legendaria terra dos Andradas, detalhadas agora pela «A Tribuna» de Santos.

### Uma boa recommendação

Para qualquer casa é ter seus impressos perfeitos e nitidos

### Consegue-se

quando seus impressos são feitos na : — — — — —

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

“ PEIXINHO ”

DE

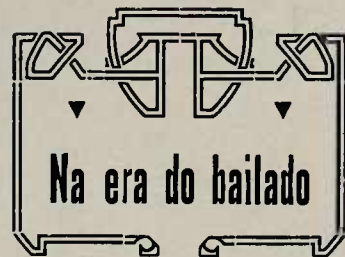
L. CARVALHO & CO.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 149

Telephone, Central 4-4-7

SANTOS





## Na era do bailado

«Tudo dança!» é uma expressão brasileira que bem se pode aplicar ao mundo actual. Nunca, talvez, como hoje, a dança esteve tão em vóga e exerceu tal prestígio: bailarinas ganham milhões, organizam-se *records* que são verdadeiras corridas á morte... As irmãs Dolly, que estão fazendo furor nos Estados Unidos, por enquanto só têm batido o *record* de graça e de belleza. Quanto á excentricidade... nem se discute!



## OS COSTUMES

**C**ADA dia se torna mais indispensavel o traje *tailleur* no guarda roupa de uma dama elegante. Para a manhã, para essas saídas improvisadas ás lojas, á casa da modista, etc., a mulher hoje necessita desses trajes simples de linha severa e graciosa que resistem a todas as modas de fantasia, conservando sua integridade e sua distincção...

Para a rua, quer para a dama de alta roda como para a mulher modesta que sae de sua casa para o trabalho, é o traje ideal.

Requer essa toilette, como complemento, um chapéu de pequenas dimensões e de extrema simplicidade.

Na mão a bengala ou o guarda-chuva, segundo o tempo.

Empregam-se actualmente para a confecção destes costumes, fazendas lisas de tons cinzentos. Fazem-se tambem com a combinação da saia preta com o casaco em tom «beije» escuro; porém esse traje, na realidade, parece indicado para excursões de caracter sportivo.

# PRADO PEIXOTO & C.<sup>IA</sup>



Construção da porta-batel para o dique "Santa Cruz".

(Antigas Oficinas Camuyrano)

OFFICINAS DE MACHINAS E FUNDIÇÃO

**Rua da Harmonia, 5, 7 e 9**

Telephone Norte, 2351

Estalérios e Oficinas de Construções  
e Reparações Navaes

**Rua Miguel Lemos, 59 e 71**

Telephone. 555 — Nietheroy

Especialistas em trabalhos de  
machinas e caldeiras,  
vapores e electricidade, tanques  
e pontes.

ESCRITORIO :

**RUA DA HARMONIA, 7**

Telephone Norte 1261

**RIO DE JANEIRO**



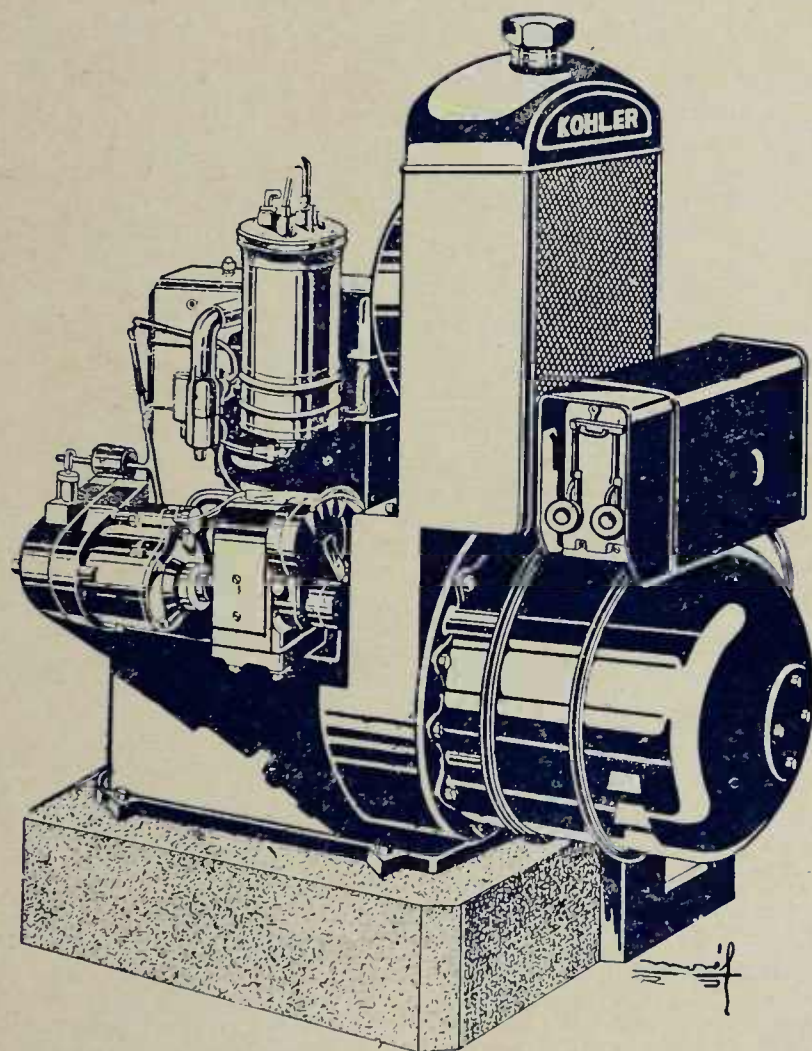
Vista parcial das carreiras da firma Prado Peixoto & C. tomada de aeroplano

# GRUPOS KOHLER

FABRICADOS PELA Co. U. S. A.

Para iluminação electrica de:

FAZENDAS — ESTAÇÕES — ESTRADAS DE FERRO — NAVIOS  
DE GUERRA — MERCANTES — ETC.



Verifiquem as grandes vantagens que seguem, sobre os seus similares:

- 1ª) — Não têm bateria de acumuladores.
- 2ª) — São de 110 volts. 1500 watts.
- 3ª) — De partida e parada inteiramente automaticas, bastando para isso accender ou apagar qualquer lampada da installação.
- 4ª) — Economia incomparavel de combustivel.
- 5ª) — Espaço occupado, o minimo possivel.

AGENTES E DEPOSITARIOS:

**MAYRINK VEIGA & C.**

Engenheiros Importadores e Exportadores

15, 17 — Rua Municipal — 19, 21

RIO DE JANEIRO

Peçam informações mais detalhadas

**SYPHILIS?**  
**só Luetyl**



### **A PALAVRA OFFICIAL**

.....  
**Contra factos não ha argu-  
mentos nem concurrentes**

**O que diz o Governo no  
Hospital Central do Exercito**

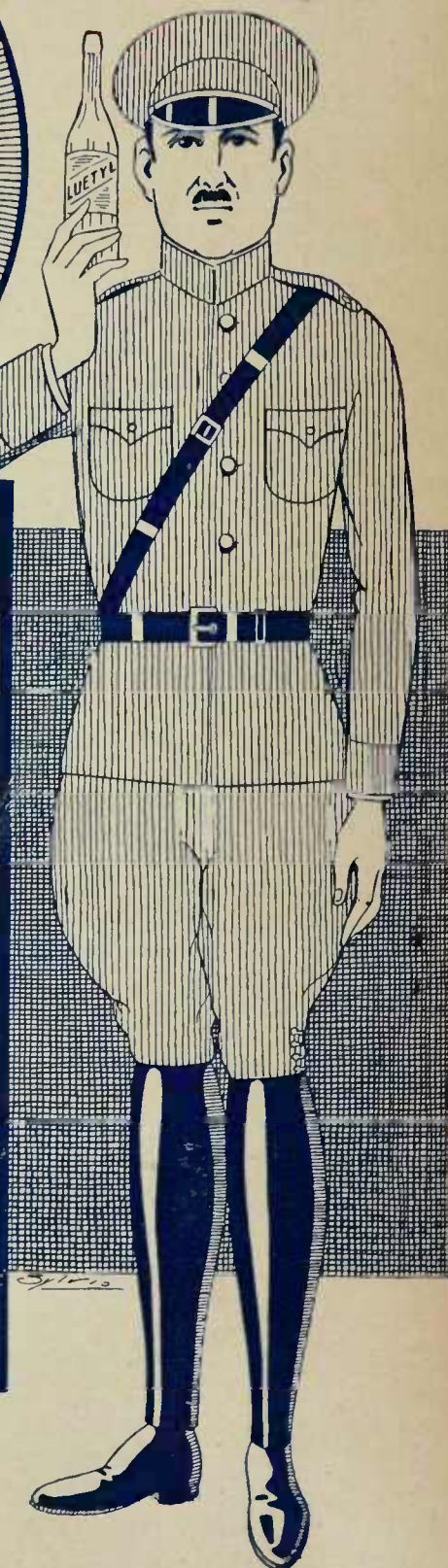
Attesto que empreguei o prepara-  
do **LUETYL**, em um caso de sy-  
philis cutanea, na 8.<sup>a</sup> enfermaria obten-  
do um resultado surprehendente. O  
doente, que pesava 38 kilos, augmen-  
tou **seis kilos** com o uso de vidro e  
meio do referido preparado, tendo as  
manifestações cutaneas cicatrizado  
completamente.

(Assignado). Dr. Humberto Mello,  
1.<sup>o</sup> tenente encarregado da 8.<sup>a</sup> enfer-  
maria.

.....  
**O UNICO QUE DIZ**

**Basta tomar um vidro, si for Syphilis  
ficará melhor, aumentará de 1 a 4  
kilos; si não ficar melhor procure o  
seu medico.**

**LEIAM A BULLA**



**Licenciado sob o N. 253, em 7 de Dezembro de 1916**